

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
THIAGO MENDONÇA DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NO COTIDIANO
DO TRABALHO DO/A ASSISTENTE SOCIAL NO CAPS-AD DE
SANTOS**

SANTOS
2015

THIAGO MENDONÇA DE OLIVEIRA
CURSO DE SERVIÇO SOCIAL

**CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NO COTIDIANO DO
TRABALHO DO/A ASSISTENTE SOCIAL NO CAPS-AD DE SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada Santista, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Serviço Social, sob a orientação da Profa. Dra. Luciana Maria Cavalcante Melo.

SANTOS
2015

O482c

Oliveira, Thiago Mendonça, 1991-

Contribuições de intervenções artísticas no cotidiano do trabalho do/a assistente social: no CAPS-AD de Santos. / Thiago Mendonça de Oliveira; Orientadora: Profa. Dra. Luciana Maria Cavalcante Melo. – Santos, 2015.

91 f.: 30 cm.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista, Curso de Serviço Social, 2015.

1. Serviço Social. 2. Arte. 3. Saúde Mental. 4. Álcool e drogas. I. Melo, Luciana Maria Cavalcante, Orientadora. II. Título.

CDD 361.3

THIAGO MENDONÇA DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS NO COTIDIANO DO
TRABALHO DO/A ASSISTENTE SOCIAL NO CAPS-AD DE SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Serviço Social da Universidade Federal
de São Paulo, Campus Baixada Santista, como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel
em Serviço Social, sob a orientação da Profa. Dra.
Luciana Maria Cavalcante Melo.

Aprovação em: ____/ ____/ ____

EXAMINADORAS:

Profa. Dra. Luciana Maria Cavalcante Melo
Universidade Federal de São Paulo
Departamento: Saúde, Educação e Sociedade

Profa. Dra. Cristiane Gonçalves da Silva
Universidade Federal de São Paulo
Departamento: Políticas Públicas e Saúde Coletiva

DEDICATÓRIA

*“Entre o gasto dezembro e o florido janeiro,
Entre a desmistificação e a expectativa,
tornamos a acreditar, a ser bons meninos,
e como bons meninos reclamamos
a graça dos presentes coloridos.
Nossa idade – velho ou moço – pouco importa.
Importa é nos sentimos vivos
e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza, a
exata beleza que vem dos gestos espontâneos
e do profundo instinto de substituir
enquanto as coisas em redor se derretem e somem
como nuvens errantes no universo estável.
Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos olhos gulosos
a um sol diferente que nos acorda para os
descobrimientos.
Esta é a magia do tempo.
Esta é a colheita particular
Que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante,
No acreditar na vida e na doação de vivê-la
Em perpétua procura e perpétua criação”.*
(Reinauguração-Carlos Drummond de Andrade)

À minha mãe, Maria Aparecida de Souza Mendonça.

AGRADECIMENTOS

A vida é feita de muitos atravessamentos que culminam em afetações, potências, dificuldades e gozos. Este trabalho de conclusão de curso é meu, mas também de cada encontro que o cotidiano provocou, seja no bar, na praia, na universidade, na rua, no trabalho, na escola, em Itanhaém, em Santos... Nos ambientes improváveis e prováveis, nas pessoas que passam e perpassaram minha existência. Gratidão a cada uma e a cada um... Às vezes nós não temos consciência do significado que o encontro pode provocar, resultar e florir. Mais uma vez GRATIDÃO!

Primeiramente agradeço a minha mãe, Maria Aparecida de Souza Mendonça, Dona Cida, Cida, mãe, que sempre me apoiou e esteve ao meu lado, nas minhas escolhas, alegrias e tristezas. Nutrindo-me com sua ternura e amor. Agradeço ao meu pai, Marcelo Targino de Oliveira, que diante das dificuldades, sempre esteve presente, demonstrou carinho da sua maneira. Aos meus irmãos Bruno e Marcelinho.

A minha orientadora Luciana Maria Cavalcante Melo, pelo cuidado e atenção diante das minhas ansiedades e nervosismo, pelas cooperações acerca deste trabalho.

Aos presentes que a graduação me proporcionou Fernando Rosa, Ana Flavia Martins, Anael Neves, Alessandro Lotti, Lucio Giroto, Tarsilla Vasconcellos, Bruno Aranha, Sandra Cavalcanti, Max Gasparini, Julia Clara, Nathalia Macedo, Juliana Picolo e muitos outros/as. As pessoas da minha turma de Serviço Social, que durante esses quatro anos de graduação, de perrengue, de cerveja, de crise, colaboraram muito. Brenda Barbosa, Rebeca Oliveira, Tiago Bechelli, Marcelle Vaz, Matheus Lidiberde, Marines Hines, Aline Correia, Damiso Faustino, Carolina Valillo, Andrea Monks, a sala no seu todo.

Ao campo docente do curso de Serviço Social e as demais professoras da UNIFESP/BS que tive contato. Em especial a professora Cristiane Gonçalves por realizar trabalhos belíssimos que pude participar, pelos aprendizados propiciados.

Aos amigos/as de longa data, Douglas Roman, Jane Alves, José Élson, Karoline Kerber, Cristian Souza e Sara Minay.

Aos/As que lutaram e lutam por uma sociedade livre de desigualdades e opressões.

“Na costura da vida, a agulha do Tempo alinhava o tecido dos acontecimentos com a linha de nossas atitudes. Por vezes, precisamos de uma linha mais firme para coser panos mais ásperos, acontecimentos duros. Em outros momentos, o ideal é uma linha brilhante ou multicolorida para bordar as tramas singelas dos dias de felicidades. E, assim, o Tempo vai nos transpassando, cerzindo os laços de nossa existência no encontro com outras histórias, lugares e pessoas. Ele costura, em cada um, uma exclusiva colcha de retalhos: colcha contendo muitas linhas, texturas, cores, tamanhos e formas”.

(Janaína Leslão)

RESUMO

Diversas estratégias são desenvolvidas para possibilitar o exercício da cidadania entre os sujeitos, consistindo a arte um dispositivo facilitador deste processo. Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo observar e identificar as expressões da arte utilizadas no cotidiano do trabalho do (a) assistente social e da equipe multiprofissional, na perspectiva de contribuir em propostas de elaboração de metodologias que se apropriem de dispositivos artísticos no seu processo de intervenção na atenção à saúde mental no CAPS-AD do município de Santos. Para coleta de dados foi utilizada abordagem qualitativa, por meio das técnicas da observação participante do processo de trabalho e entrevista semi estruturadas com as assistentes sociais do serviço. Os dados obtidos foram interpretados e analisados a partir das categorias encontradas. Entende-se a importância de pesquisas no âmbito do serviço social e arte. Os resultados deste trabalho expressaram uma nítida relação e muito mais possibilidades, entre a profissão e as intervenções artísticas.

Palavras Chaves: Serviço Social, Arte, Saúde Mental e Álcool e drogas.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I - SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE MENTAL E ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS.....	13
1.1. SERVIÇO SOCIAL, CONCEPÇÃO E HISTÓRIA	13
1.2. SAÚDE MENTAL E A REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA	19
1.3. SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE MENTAL, ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS.....	26
CAPÍTULO II ARTE E SERVIÇO SOCIAL: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A REALIDADE	33
CAPÍTULO III - SERVIÇO SOCIAL E MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NO CAPS-AD DE SANTOS	41
3.1. CAMINHOS TRAÇADOS E PERCORRIDOS.....	41
3.2. A PARTICIPAÇÃO E A OBSERVAÇÃO NO COTIDIANO DO TRABALHO COM ARTE DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL E SERVIÇO SOCIAL.....	42
3.3. AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS COMO DISPOSITIVO DO TRABALHO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL, IMPACTOS E DESAFIOS.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXO I PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA	67
ANEXO II – DIÁRIO DE CAMPO.....	71
ANEXO III - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA.....	90

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso parte de suscitações relacionadas às vivências proporcionadas no espaço sócio-ocupacional de estágio em Serviço Social, Seção Núcleo de Atenção ao Tóxico Dependente- SENAT do Município de Santos.

Atribuo esta pesquisa, às inserções que perpassam todo processo de formação, que implicaram numa visão mais crítica da realidade. Aos Fundamentos Históricos Teóricos Metodológicos da profissão, às Oficinas do Trabalho Profissional, a todas as unidades curriculares em seu conjunto de saberes. Para além do ensino, a dimensão da Extensão e outros processos reflexivos-educacionais, compreendido na sua forma mais ampla de formação, foram cruciais para viabilizar este trabalho.

Os Projetos de Extensão: Saúde e Cidadania: Compreendendo a Construção das Masculinidades entre Homens da Baixada Santista, Juventudes e Funk: Territórios, Redes, Saúde e Educação, Artes do Corpo, PET-Programa de Educação Tutorial-Educação Popular, Núcleo de Estudos e Pesquisa Heleieth Saffioti- NEHS: Relações de Gênero, Sexualidades e Movimentos Sociais, Monitoria: Pesquisa em Serviço Social e o Projeto de Pesquisa: Atenção Básica e a Produção de Cuidado em Rede no Município de Santos, trabalhos vinculados à Universidade Federal de São Paulo- Campus Baixada Santista (UNIFESP-BS) foram propiciadores da minha leitura de mundo.

Somados as outras vivências como, por exemplo, nos encontros de trocas e organização dos movimentos políticos e sociais. Nestes encontros, me encontrei nas linguagens artísticas através das oficinas culturais, rodas de conversa, experiências que eram significativas, genuínas, orgânicas e que me fazia transpor, aflorar uma ética que me via no/a outro/a. No suor da dança, nas músicas pulsante do “Negro Nagô”, na roda de coco, no afeto trocado, na luta do/a outro/a que é minha, nossa.

As múltiplas inserções geraram reflexões críticas e foi importante para perceber o quanto se faz necessária à literatura na área do Serviço Social com expressões artísticas, que por sua vez faz conexão com a dimensão técnico-operativa profissional.

Crescemos em uma cultura ocidental marcada pelo capital, no qual são internalizados símbolos e valores, que nos fazem reproduzir atitudes e comportamentos que predominantemente impossibilitam vivências para o além do

que foi institucionalizado. Os processos dominantes se expressa na forma como os indivíduos sociais se relacionam e compreendem a vida social, sendo difícil e complexo desconstruir essas lógicas naturalizadas.

Ser extensionista no projeto "Artes do Corpo" foi um trabalho que me fez pensar e usar o corpo para além do quadrado que nos é ensinado e imposto. Esse contato possibilitou outras experimentações, por meio do jogo cênico, da dança, ritmo, circo, música e arte nas suas múltiplas possibilidades. Essas experiências foram expressivas, pois infligiram novos sentidos na minha trajetória acadêmica. Ao longo do processo da extensão, tivemos alguns encontros de organização, pesquisas, discussões e oficinas corporais-artísticas. Nessas atividades estiveram presentes estudantes de diversas áreas do conhecimento (Serviço Social, Psicologia, Terapia Ocupacional, Educação Física, Nutrição, Fisioterapia e Artistas da cidade de Santos).

Em 2014 foi realizada a parceria com a SENAT, onde foi feita intervenções artísticas através de oficinas juntos aos/as usuários/as do serviço. Toda atividade teve algum diferencial, sensações que efetivamente tocaram os sujeitos envolvidos. O objetivo principal das oficinas, era de consciência corporal, usávamos como dispositivo para tal, as expressões artísticas, como musicalidades, dança, o teatro. Percebia que durante as atividades que o corpo coletivo estava concentrado, tudo fluía de forma que aquele grupo de pessoas ficasse mais sincronizado. De certa forma naquelas oficinas houve espaços de supressão do cotidiano duro que muitos viviam, estavam marcados/as por muitas violências, as múltiplas expressões da questão social, sendo o abuso de álcool e outras drogas mais uma.

Depois de propormos as atividades, sempre encerrávamos com momento de diálogo onde os/as usuários/as traziam suas impressões, recordavam de momentos da vida, da infância, era criada uma relação horizontal, de vínculo. Como não tínhamos como objetivo problematizar o que era apresentado após as práticas corporais, refleti sobre a potência do Serviço Social em conjunto as linguagens artísticas. Além da promoção de um "bem estar" momentâneo, que tinha produzido alegrias, sorrisos, acolhimento, poderia também ser um espaço para ampliação de uma consciência crítica, da nossa historicidade, das reflexões sobre a naturalização das opressões, dos discursos dominantes, das reproduções das relações sociais, ou seja, seria possível dialogar com essa estratégia na perspectiva de emancipação dos sujeitos.

As vivências percorridas durante minha graduação em Serviço Social, suas intersecções me fizeram vislumbrar os dispositivos artísticos como um processo de conexão para prática do profissional de Serviço Social, assim como metodologias alternativas de intervenção crítica que pode possibilitar sensibilização, resistência, traz novos olhares, consequentemente pode contribuir para possíveis mudanças sociais e por este motivo apresentamos este trabalho de conclusão de curso.

Este TCC teve como objetivo observar e identificar as expressões da arte utilizadas no cotidiano do trabalho do/a assistente social e contribuir em propostas de elaboração de metodologias que propicie intervenções artísticas no seu processo de atenção à saúde mental no CAPS-AD do município de Santos.

O primeiro capítulo apresenta o que é o “Serviço Social”, como se dá este trabalho profissional, abordando resumidamente o histórico e concepção, apontando o caráter contraditório da profissão e como se dá o significado social desta, e qual o seu objeto de atuação.

A partir da compreensão do trabalho profissional e suas inserções nas políticas públicas e defesas dos direitos sociais, o capítulo brevemente passará pela Reforma Psiquiátrica brasileira e a Política de Saúde Mental, materializando-se no serviço Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas CAPS-AD, também será discutido a questão do álcool e outras drogas na sociedade, incidindo na estratégia de Redução de Danos.

O segundo capítulo abordou a arte a partir de referenciais críticos e suas manifestações nas nossas relações sociais.

Feito este percurso, foi apresentado às expressões da arte em diálogo com a intencionalidade do projeto profissional do Serviço Social, se expressando em sua dimensão técnica-operativa. Evidenciando a possibilidade de metodologias de trabalho no âmbito do Serviço Social e Arte, na perspectiva crítica da realidade, mas sem perder as sensibilidades dos processos de criações.

E no terceiro capítulo, apresentamos a observação participante que pretendeu identificar como funciona a dinâmica de trabalho do CAPS-AD de Santos e a relação da equipe multiprofissional com o uso das expressões artísticas, no movimento de análise deste instrumento de atuação.

A entrevista realizada com assistentes sociais do CAPS-AD de Santos, se propôs a identificar e compreender se estas profissionais fazem uso da arte enquanto metodologia de trabalho, evidenciando possibilidades, desafios, impactos

desta escolha metodológica, suas visões sobre a arte, assim como discutir o trabalho multiprofissional, a formação acadêmica, relacionados à arte e suas implicações no CAPS-AD.

CAPÍTULO I - SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE MENTAL E ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

“Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.”

(Pedagogia da Indignação –Paulo Freire)

1.1. SERVIÇO SOCIAL, CONCEPÇÃO E HISTÓRIA

Partimos da concepção de que para entender a profissão de Serviço Social, precisamos compreender a sociedade capitalista, os processos sócio-históricos, a forma como as relações sociais se constituem, assim como, sua gênese, seu posicionamento e seu papel nas relações sociais. Esta leitura se desdobra na divisão de classes, nas desigualdades e processos de opressões, vinculada ao movimento contraditório desta sociedade.

De acordo com Iamamoto (2011) se amparando na análise das relações sociais de Marx:

O processo capitalista de produção expressa, portanto, uma maneira historicamente determinada de os homens produzirem e reproduzirem as condições materiais da existência humana e as relações sociais através das quais levam a efeito de produção. Neste processo se reproduzem, concomitantemente, a ideias e representações que expressam estas relações e as condições materiais em que se produzem, encobrindo o antagonismo que as permeia. (IAMAMOTO, 2011, pg. 36)

Nesse sentido, é na vida em sociedade que se apresentam os meios necessários para a produção e reprodução da vida, através da relação que os homens estabelecem entre si, criando vínculos e relações mútuas que incorrem uma ação transformadora da natureza, ou um processo de produção social. No engendro dessas ações, essa relação do homem com a natureza na sociedade vigente acaba por coisificar os processos que não são apenas materiais, mas, sobretudo, humanos, esvaziando sua historicidade e ocultando o antagonismo de classe.

Segundo Yazbek et al (2008), o nascimento da profissão está ligada a progressiva intervenção do Estado nos processos de controle da vida social. No Brasil se expressa nos anos 1930, em uma conjuntura marcada pelos conflitos de

classe, pelas crescentes reivindicações das classes operárias contra a exploração do trabalho e pela defesa dos direitos sociais e de cidadania.

Ainda para estas autoras, é no período de 1930 a 1940 que se dão as condições para a institucionalização e legitimação da profissão, sobretudo a partir da relação entre Estado, empresariado e a Igreja Católica em uma articulação de apaziguamento das lutas sociais que eclodiam neste período, com intuito de desmobilização da classe trabalhadora (Yazbek et al, 2008). O Estado cria formas de regulação do proletariado, como por exemplo, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o salário mínimo, a legislação sindical, como outras medidas controladoras e paternalistas.

Iamamoto (2007) traz colaborações para compreender o papel do Estado na sociedade capitalista:

O Estado tem o papel-chave de sustentar a estrutura de classes e as relações de produção. O Marxismo clássico já estabelecia as funções que pertencem ao domínio do Estado: criar as condições gerais de produção, que não podem ser asseguradas pelas atividades privadas dos grupos dominantes; controlar as ameaças das classes dominadas ou frações das classes dominantes, através de seu braço repressivo (exército, polícia, sistema judiciário e penitenciário; e integrar as classes dominantes, garantindo a difusão de sua ideologia para o conjunto da sociedade. Essas funções coercitivas se unem às funções integradoras, destacadas pela análise gramsciana, exercidas pela ideologia e efetivadas por meio da educação, cultura, dos meios de comunicação e categorias de pensamento. (IAMAMOTO, 2012, pg.120)

De acordo com Yazbek et al (2008), em 1932 é criado em São Paulo o Centro de Estudos e Ação Social - Ceas, instituto que fundou a primeira escola de Serviço Social do Brasil. O Centro surgiu com um curso voltado para moças, organizado pelas cônegas de Santo Agostinho, entre os dias 01 de abril à 15 de maio de 1932, tendo como diretora Melle Adèle de Loneux, professora da Escola Católica de Serviço Social da Bélgica. Durante o período do curso foram realizadas atividades que passavam por filosofia moral, religião, direito constitucional e administrativo, higiene social e também visitas a instituições beneficentes. O Ceas teve como objetivo central difundir a doutrina e ação social da Igreja Católica, sob o viés reformista e conservador.

Os valores supracitados neste momento histórico tinham como base:

Um caráter de apostolado social apoiado em uma abordagem da questão social como problema moral de responsabilidade individual dos sujeitos. A

contribuição do Serviço Social, neste momento incidirá sobre valores e comportamentos de seus “clientes” na perspectiva de sua integração à sociedade, ou melhor, nas relações sociais vigentes. Trata-se de um enfoque psicologizante e moralizador centrado no indivíduo e na família, que terá como referenciais orientadores do pensamento e da ação da emergente profissão o pensamento social da Igreja Católica, no contexto em que esta instituição busca recuperar sua hegemonia na sociedade a partir do seu posicionamento face à questão social. (YAZBEK, 2008, pg.11).

Ainda neste processo, particularmente na década de 1940 o Estado brasileiro é pressionado a desenvolver ações sociais, intervindo diretamente na reprodução das relações sociais, regulando os processos de acumulação capitalista como nas “respostas” sociais da população. Traz novas reorientações para a profissão, voltadas para o desenvolvimento capitalista e exige aperfeiçoamento de um espaço sócio-ocupacional que consinta nas “demandas” de um Estado que começa a implantar políticas sociais Yazbek et al (2008).

Nesse contexto que a profissão se aproxima da teoria positivista:

A legitimação do profissional, expressa em seu assalariamento e ocupação de um espaço na divisão sociotécnica do trabalho, vai colocar o emergente Serviço Social brasileiro frente à matriz positivista, na perspectiva de ampliar seus referenciais técnicos para a profissão. Este processo, que vai construir o que Iamamoto (1992) denomina de “arranjo teórico doutrinário” caracterizado pela junção do discurso humanista cristão com o suporte técnico-científico de inspiração na teoria social positivista, reitera para a profissão o caminho do pensamento conservador, agora, pela mediação das Ciências Sociais. (YAZBEK, 2000, pg. 23).

Nos anos de 1960 o Serviço Social problematiza seus referenciais e se abre ao debate, dentro de uma conjuntura histórica de movimentos políticos-culturais que perpassa pelos próprios assistentes sociais, intelectuais, trabalhadores e diversos segmentos das classes populares contra o império do capital. Esse emaranhado conflitante é o bojo do processo de Renovação do Serviço Social, entendendo por renovação:

O conjunto de características novas que no marco das constrições da autocracia burguesa, o Serviço Social articulou, à base do rearranjo de suas tradições e da assunção do contributo de tendência do pensamento social contemporâneo, procurando investir-se como instituição de natureza profissional dotada de legitimação prática, através de respostas e demandas sociais e da sua sistematização, e de validação teórica, mediante a remissão às teorias e disciplinas sociais. (NETTO, 1994, pg.131).

Este momento histórico apresentou-se a profissão, perspectivas diversificadas, construções de um pluralismo profissional que segundo Netto (2001) apud Yazbek (2008), resultou nas seguintes vertentes:

[...] a vertente modernizadora, caracterizada pela incorporação de abordagens funcionalistas, estruturalistas e, mais tarde, sistêmicas (matriz positivista), voltadas para a modernização conservadora pela mediação do desenvolvimento social e do enfrentamento da marginalidade e da pobreza na perspectiva de integração à sociedade. Os recursos para alcançar estes objetivos são buscados na modernização tecnológica e em processos e relacionamento interpessoais. Estas opções configuram um projeto de renovação tecnocrática fundado na busca da eficiência e da eficácia, orientadores tanto da produção de conhecimento quanto da intervenção profissional;

a vertente inspirada pela fenomenologia, que emerge como metodologia dialógica, apropriando-se também da visão de pessoa e comunidade de E. Mounier (1936), dirige-se ao vivido humano, aos sujeitos em suas vivências, colocando para o Serviço Social a tarefa de “auxiliar na abertura desse sujeito existente, singular, em relação aos outros, ao mundo de pessoas” (Almeida, 1978, pg. 114). Essa tendência no Serviço Social brasileiro vai priorizar as concepções de pessoa, diálogo e transformação dos sujeitos, é analisada por Netto como uma forma de reatualização do conservadorismo presente no pensamento inicial da profissão;

a vertente marxista, que remete a profissão à consciência de sua inserção na sociedade de classes e que no Brasil vai configurar-se, em um primeiro momento, como uma aproximação ao marxismo sem o recurso ao pensamento de Marx. A apropriação da vertente marxista no Serviço Social (brasileiro e latino-americano) não se dá sem incontáveis problemas, quer pelas abordagens reducionista dos “marxismos de manual”, quer pela influência do cientificismo e do formalismo metodológico (estruturalista) presente no “marxismo althusseriano”, um marxismo equivocado que recusou a via institucional e as determinações sócio-históricas da profissão. (YAZBEK *et al* 2008, pg. 17)

Durante as décadas de 60 e 80 a profissão consolida sua ruptura com o tradicionalismo profissional, que anteriormente era hegemônico no Serviço Social, com rastros conservadores, fruto de sua origem que tinha viés assistencialista, messiânico e filantrópico.

Segundo Raichelis (2011), na década de 1980, com a contribuição de Iamamoto e Carvalho (1982), é aprofundado e apreendido a profissão, sob a luz da teoria social de Marx. Essa apropriação no Serviço Social desdobrou uma análise do processo de produção e reprodução das relações sociais capitalistas numa perspectiva de totalidade, evidenciando sua inserção na divisão social e técnica do trabalho e reconhecendo o assistente social como trabalhador assalariado¹.

¹ Iamamoto (2012), Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche.

Essa aproximação ao Marxismo tem consonância com o processo vivido pela classe trabalhadora, entre o final da década de 70 para os anos 80, de luta pela redemocratização brasileira. Lembrando que perpassava um grande período de ditadura militar, e os profissionais de Serviço Social se inseriram nos movimentos contra hegemônico, apoiando as lutas populares e construindo uma necessária identidade de classe.

Para Netto (2001) apud Teixeira (2009), as múltiplas formas da prática trazem em si projeções individuais e coletivas, compostas por sujeitos que expressam interesses sociais diversos. No Serviço Social, tanto no processo de idealização, quanto no fazer profissional, os sujeitos da intervenção estão ligados a uma determinada direção social, que por sua vez esses interesses, põem em “cheque” os processos políticos, ideológicos, econômicos das relações sociais. Nesses movimentos da categoria profissional vão se consolidando/afirmando um ou outro valor, base, diretriz, que ao assumir uma dimensão coletiva, acaba por representar parcelas significativas da profissão, nos espaços de embate e de legitimação, ganha sua materialidade, que se traduz na sua “auto-imagem”, seu projeto profissional.

No caso do Serviço Social trata-se do que hoje se denomina Projeto Ético-Político-PEP, que não é uma normativa específica, um documento ou referência materializada em um único objeto. O PEP representa um processo de construção histórica da categoria profissional, que:

Tem seu núcleo o reconhecimento da liberdade como valor ético central- a liberdade concebida historicamente, como possibilidade de escolher entre alternativas concretas; daí um compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais. Consequentemente, o projeto profissional vincula-se a um projeto societário que propõe a construção de uma nova ordem social, sem dominação e/ou exploração de classe, etnia e gênero. (NETTO, 1999, pg 104-5).

Segundo Teixeira e Braz (2009), apresenta componentes que se interligam e constroem sua própria identidade no processo sócio-histórico da profissão, sendo eles:

- [...] a) o primeiro se relaciona com a explicitação de princípios e valores ético-políticos;
- b) o segundo se refere à matriz teórica –metodológica em que se ancora;

- c) o terceiro emana da crítica radical à ordem social vigente- a da sociedade do capital- que produz e reproduz a miséria ao mesmo tempo em que exibe uma produção monumental de riquezas;
- d) o quarto se manifesta nas lutas posicionamentos políticos acumulados pela categoria através de suas formas coletivas de organização política em aliança com os setores mais progressistas da sociedade brasileira. (TEIXEIRA E BRAZ, 2009, pg. 7-8)

Essas dimensões encontram-se objetivadas na realidade, como instancias políticas-organizativas da profissão (associações profissionais, congressos, as organizações sindicais, o conjunto CFESS/CRESS (Conselho Federal e Conselho Regionais de Serviço Social), a ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social), o movimento estudantil (Centros e Diretórios Acadêmicos das unidades de ensino e a ENESSO (Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social), também como o atual Código de Ética Profissional (1993), a Lei de Regulamentação da Profissão (Lei 8662/93) e as Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996 dos Cursos de Serviço Social.

Em síntese de acordo com Cardoso (2013)

O Serviço Social é uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho.
Tendo como foco da sua atuação a questão social. É parte da classe trabalhadora, sendo contratada pela burguesia para atender a classe trabalhadora. Atende, assim, aos interesses tanto do capital quanto do trabalho, podendo reforçar um ou outro polo dessa relação, através da mediação com seu outro polo. Necessita de formação de nível superior para desenvolver competência teórica, ética e técnica para intervir junto às expressões da questão social, o que faz via políticas sociais na busca da garantia de direitos por meio de atendimento direto à população, do planejamento e elaboração de programas e projetos, da gestão de serviços, da realização de pesquisas, da docência, entre outras atividades. Lida, portanto, cotidianamente com os resultados do conflito de classes decorrente do modo de produção capitalista: a fome, a miséria, a violência, a falta de saúde, da habitação, de educação, etc., na busca de melhoria de vida e fortalecimento político da população atendida. (CARDOSO, 2013, pg.105)

Diante dessa concepção vigente do projeto profissional, deve-se elucidar que este posicionamento é fruto de mobilizações, articulações e amadurecimento teórico- metodológico, ético-político da categoria profissional, bem como qualificações nas produções teóricas e nas entidades de representação política da categoria.

Na cartilha “Atribuições Privativas do/da Assistente Social em questão” (CFESS, 2012), traz um apanhado da inserção do Serviço Social nos espaços sócio-

organizacionais e na sociedade. Evidencia-se um projeto profissional consoante com perspectivas emancipatórias, que se traduz, por exemplo, no Código de Ética Profissional de 1993 e a Lei 8.662/93 que regulamenta a profissão. Na realidade este projeto aponta desafios, como os limites e as conjunturas sociais. A contrarreforma² do Estado, demarcada pela ideia de privatização, de redução de responsabilidade pública no que tange as demandas sociais, em função do mercado que destrói a noção de universalidade concernente aos direitos, provocando um aprofundamento da questão social. Neste contexto são alterados a demanda de trabalho do/da assistente social, as relações tendem a ser desregulamentadas, flexibilizadas, percebe-se a retração dos recursos institucionais/públicos, implicando nas condições precárias de trabalho.

Na atual conjuntura de profundas transformações, ganham relevo as manifestações da questão social relacionadas à precarização do trabalho, ao desemprego estrutural e às redefinições do Estado e das políticas públicas. Nesse quadro, destacam-se as alternativas privatistas e crescem as ações no campo da filantropia. No âmbito da intervenção estatal, permanecem características neoliberais da política social brasileira, centrada em situações-limites em termos de sobrevivência e direcionada aos “mais pobres entre os pobres”, perdendo-se do horizonte a direção de universalização do acesso a direitos. (YAZBEK, 2008, pg.26).

É no bojo desse cenário atual, de ameaças e perdas dos direitos conquistados socialmente, em que o/a assistente social atua, dentre eles, há os serviços da Política de Saúde Mental. Para entendimento dessa particularidade da inserção do/a assistente social se faz necessário à leitura da Reforma Psiquiátrica brasileira, que o próximo item se propõe a fazer.

1.2. SAÚDE MENTAL E A REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA

*Mas eu também sei ser careta
De perto, ninguém é normal
Às vezes, segue em linha reta
A vida que é meu “meu bem, meu mal”
“Vaca Profana”, Caetano Veloso*

² Elaine Behring (2008), Política Social: fundamentos e história.

A humanidade convive com a loucura há séculos e, antes de se tornar um tema fundamentalmente biomédico, a pessoa com transtorno mental habitou o imaginário popular de diversas formas. De motivo de gozação e escárnio, a possuído pelo demônio, até estigmatizado por não se enquadrar nos preceitos morais vigentes, a pessoa com transtorno mental é um enigma que ameaça os saberes constituídos sobre o homem.

Partimos do documento: “Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil- Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas” (Brasil, 2005), para apresentar um breve histórico da luta pela implementação da Política de Saúde Mental no Brasil.

O processo de Reforma Psiquiátrica no Brasil é consonante ao movimento sanitário nos anos de 1970, como pautas de reivindicações: modificações nos procedimentos de atenção e gestão nas práticas de saúde, defesa da saúde coletiva, equidade na oferta dos serviços, e protagonismo dos trabalhadores/trabalhadoras e usuários/as dos serviços, nos processos de organização e criação de cuidado em saúde. Deste modo, compreende-se que:

A Reforma Psiquiátrica é processo político e social complexo, composto de atores, instituições e forças de diferentes origens, e que incide em territórios diversos, nos governos federal, estadual e municipal, nas universidades, no mercado dos serviços de saúde, nos conselhos profissionais, nas associações de pessoas com transtornos mentais e de seus familiares, nos movimentos sociais, e nos territórios do imaginário social e da opinião pública. Compreendida como um conjunto de transformações de práticas, saberes, valores culturais e sociais, é no cotidiano da vida das instituições, dos serviços e das relações interpessoais que o processo da Reforma Psiquiátrica avança, marcado por impasses, tensões, conflitos e desafios. (BRASIL, 2005, pg. 6).

Dito isto, é importante que façamos um breve resgate histórico, para a compreensão dos desdobramentos dos modelos psiquiátricos na Reforma Psiquiátrica brasileira.

Segundo Campos (2000), até a II Guerra Mundial, a dominância no modelo de lidar com os transtornos mentais, era do saber médico, centrado na Medicina Mental e Organicista, entendida como:

[...] figura paradigmática do exercício do poder, arcaica em sua estrutura, rígida em sua aplicação, coercitiva em sua mira (...) como modelo, porque a relação de imposição que ela coloca em sua operação implica, pelo menos em sua forma tradicional de exercício, uma desnivelização absoluta entre

aquele que age e aquele que padece. Ela deixava ler a gratuidade e o arbitrário que pode caracterizar todo exercício de poder a partir do momento em que não se inscreve em uma relação recíproca. (CASTEL, 1987:25). (CASTEL, 1987 *apud* CAMPOS 2000).

Este modelo focava-se na tradição científica do pensamento médico, tinha como objeto o corpo sem vida, o cadáver. Faziam-se dissecações, abria-se o cérebro para ver exatamente o que se passa lá dentro, Costa (1989) *apud* Campos (2000).

Outra forma, muito utilizada em muitos países, inclusive no Brasil, foi a Psiquiatria Eugenista Alemã, que se pautava em métodos desumanos para “acalmar” aqueles/as que “perturbavam” a sociedade. No fundo não passava de experimentos de purificação da raça, da seleção da natureza. Era muito comum o uso da lobotomia³ e os eletrochoques, criando-se verdadeiros laboratórios de cobaias humanas, (Campos, 2000).

Ainda segundo a autora:

Mundialmente, durante a guerra, com a tentativa de domínio nazista, é que a humanidade resistindo a essa opressão, fez um verdadeiro pacto contra a opressão aos direitos do indivíduo, pela importância das relações coletivas de solidariedade e pela aceitação das diferenças. Isto surgiu-se ao pós-guerra em todos os cantos do mundo. Esta nova situação fez com que a psiquiatria, usada para classificação dos indivíduos aptos para a sociedade e que, com “ciência” reconhecida, utilizava métodos opressivos aos direitos individuais em nome de um “tratamento médico”, fosse questionada. E já durante a II Guerra, algumas experiências de tratamento ao doente mental haviam sido realizadas nos hospícios, utilizados como campos de concentração para prisioneiros políticos. (CAMPOS, 2000, pg.32)

No rearranjo das disputas dos saberes, dos interesses econômicos e políticos, das formas de lidar e atuar com as questões do campo mental, estava transbordando os aspectos sociais, entre muitos protagonistas deste movimento, o psiquiatra italiano Franco Basaglia, teve sua expressão. Segundo Amarante (2007):

Fundamentalmente a partir do contato com as obras de Michel Foucault e Erving Goffman, Basaglia percebeu que o combate deveria ser de outra ordem: teve início o período de negação da psiquiatria enquanto ideologia. Franco Basaglia passou a formular um pensamento e uma prática institucional absolutamente originais, voltadas para a ideia de superação do aparato manicomial, entendido não apenas como a estrutura física do hospício, mas como o conjunto de saberes e práticas, científicas, sociais, legislativas e jurídicas, que fundamentam a existência de um lugar de

³ Lobotomia é um processo cirúrgico que consiste na retirada de uma parte do cérebro, atualmente este procedimento encontra-se em desuso.

isolamento e segregação e patologização da experiência humana.
(AMARANTE, 2007, pg.56)

O trabalho de Basaglia tinha como base a desconstrução do manicômio, utilizava-se de estratégias alternativas às tradicionais. Através de assembleias, mobilização dos atores sociais, dentre os quais usuários, familiares, técnicos, sujeitos do território, foi pensando a inclusão social. Criaram-se cooperativas de trabalho, construção de residências onde os ex-internos do hospital pudessem habitar a própria cidade, foram feitas múltiplas formas de intervenção, invenção, participação e produção social (grupos musicais e de teatro, produtora de vídeos, oficinas de trabalho, dentro muitas outras). Basaglia realizou atividades em um hospital psiquiátrico de Trieste, cidade de médio porte, localizada no norte da Itália, isso repercutiu experiências pelo o mundo todo. Mais tarde, foi referenciada no processo que veio a ser implantado na cidade de Santos (SP), na virada dos anos 1980 para 1990 (Amarante, 2007).

De acordo com Campos, (2000):

[...] as experiências italianas das cidades de Trieste, Parma, Livorno e algumas outras sintetizadas na lei 180- lei Basaglia-, o esquizofrênico antes de ser esquizofrênico é um oprimido, precisa de liberdade, afeto, comida e trabalho, igual a qualquer indivíduo que luta pela emancipação da vida.
(CAMPOS,2000,pg. 39)

No cenário brasileiro, segunda metade do século XX, período de emergir dos movimentos sociais, passando pelo período da ditadura, as articulações dos movimentos de resistências aos processos ditatoriais, situava-se um processo de lutas e conquistas no campo da saúde mental.

De acordo com o documento “Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental” (Brasil, 2005), o ano de 1978 é considerado um marco histórico pelo movimento social em defesa dos direitos de usuários psiquiátricos no Brasil. Neste ano o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM), composto por trabalhadores/trabalhadoras integrantes do movimento sanitário, associações de familiares, sindicalistas, membros de associações de familiares e pessoas com longo histórico de internação psiquiátrica se organizam de forma que conquistaram espaço na luta pela reforma psiquiátrica.

Dentro os diversos atores, merece destaque o Movimento de trabalhadores de Saúde Mental (MTSM) em suas várias formas de expressão- Núcleos Estaduais de Saúde Mental do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde- (CEBES), Comissões de Saúde Mental dos Sindicatos, Movimento de Renovação Médica –(REME), Rede de Alternativas a Psiquiatria, Sociedade de Psicossíntese. Outros atores de relevância nessa história são a Associação Brasileira de Psiquiatria – (ABP), a Federação Brasileira de Hospitais, a indústria farmacêutica e as universidades que tem uma atuação extremamente importante ora legitimando, ora instigando a reformulação das políticas de saúde mental. O Estado, por meio de seus órgãos do setor da saúde – Ministério da Saúde –(MS) e Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS). (AMARANTE, 1998, pg. 51)

Conforme este documento, ancorados pelo modelo italiano de desinstitucionalização em psiquiatria, os movimentos de luta da reforma psiquiátrica, passa a discutir propostas e ações para reorientação em assistência. Em 1987, acontece o II Congresso Nacional, Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental- MTSM (Bauru-SP), adota o lema “Por uma sociedade sem manicômios”, neste mesmo ano acontece a I Conferencia Nacional de Saúde Mental no Brasil (Rio de Janeiro), onde foram criados intensificados espaços de questionamento e mobilizações.

Decorrente das pressões políticas, em 1987 surge o primeiro Centro de Atenção Psicossocial- CAPS “Luiz Cerqueira” na cidade de São Paulo, que propunha modificações em suas experiências, como norte:

Os CAPS têm o papel de coordenar a rede de atenção em SM e apoiar a gestão, desenvolvendo atividades básicas, tais como: atendimento psicoterápico, tratamento medicamentoso, atendimento à família, atividades comunitárias, suporte social, desenvolvimento de oficinas culturais, visitas domiciliares e desintoxicação ambulatorial. (SILVEIRA, 2009 p. 47).

Em 1989 a Casa de Saúde Anchieta- hospital psiquiátrico de Santos (SP), recebe intervenções, de repercussão nacional, os jornais da cidade publicavam sobre notícias de excesso de lotação na casa de Saúde Anchieta, manicômio conveniado ao Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde- SUDS, segundo Campos (2000), os governos santistas foram absolutamente coniventes com maus tratos, a violência, a inanição, aprisionamento e morte de pessoas com transtorno mental, reverberando por parte da secretaria estadual fechamentos de alguns manicômios, inclusive em outras regiões (Campinas, Valinhos, Americana e Jundiaí).

Após denúncias dos jornais, uma supervisão do SUDS confirmara os fatos relatados, mas os donos do hospício não se movimentaram... e o governo

estadual mostrava-se moroso nas suas providências. A Secretaria de Higiene e Saúde não entrou sozinha nessa batalha: a prefeita, a TV, os jornais, os moradores vizinho ao hospício, familiares de interno e comissão de direitos humanos da Assembleia Legislativa do Estado. Em uma semana eliminaram o “leito-chão”, dando alta aos pacientes que ali estavam somente para justificar as prorrogações de Autorização da Internação Hospitalar (AIH), mudaram a alimentação, contrataram novos técnicos e começaram o projeto de Comunidade Terapêutica. (CAMPOS, 2000, pg.118)

Essa repercussão colocou em cheque o modelo hospitalocêntrico de lidar com saúde mental, dando vazão a outras possibilidades na construção de rede de cuidados, somado isso, a nova gestão municipal de Santos, do Partido dos Trabalhadores- PT, em poucos meses de governo já haviam investido em reforma das unidades, criação de outras, contratação, treinamento e reciclagem de pessoal- médicos, enfermeiras, assistente sociais, nutricionistas, etc.

A Secretaria Municipal de Saúde de Santos implantou os NAPS- Núcleo de Atenção Psicossocial que funcionava 24 horas, foram criadas cooperativas, residência para os egressos do hospital e associações, tornando-se referencia no processo de Reforma Psiquiátrica brasileira.

De acordo com Vasconcelos (2000) apud Scheffer e Silva (2014), no processo de democratização dos anos 1980, o movimento de trabalhadores/trabalhadoras de saúde mental construiu suas ideias e propôs objetivos relacionados à melhoria da rede ambulatorial e de saúde mental, como: extinção dos leitos em hospitais psiquiátricos; regionalização do atendimento e nas ações em saúde mental; controle das internações na rede dos hospitais e nos serviços privados e públicos; expansão de rede ambulatorial em saúde com equipes multiprofissionais de saúde mental. Em relação à equipe, a proposta indicou a necessidade da atuação de profissionais como psiquiatras, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos e outros/as. Por fim o objetivo central proposto foi à humanização social dentro dos hospitais psiquiátricos públicos e privados, com uma equipe multiprofissional nos mesmos moldes já citados no objetivo anterior.

Em 1988 com a Constituição Federal, um marco na história das lutas das classes trabalhadoras, é criado o Sistema Único de Saúde- SUS, junto à concepção de Seguridade Social que representa um avanço no sistema de proteção social brasileiro, fortalecendo as articulações entre gestões federal, estadual e municipal, sob a normativa de controle social, exercido através dos “Conselhos Comunitários

de Saúde”. São fortalecidos processos de conquistas no marcos legais dos direitos das pessoas com sofrimento mental, inicia-se a implantação da rede extra-hospitalar, a partir de 1992, movimentos sociais inspirados pelo Projeto de Lei Paulo Delgado que estava em trâmite no Congresso Nacional (posteriormente sancionado em 2001 com algumas alterações sob a Lei Federal 10.216), consegue aprovar em vários estados brasileiros leis que determinam a substituição progressiva dos leitos psiquiátricos por uma rede integrada de atenção a saúde mental.

Outros avanços expressivos no que se refere à política de saúde mental foi a Portaria n. 3.088, de 23 de dezembro de 2011, que traz parâmetros ao funcionamento da rede de atenção da saúde mental e contém as seguintes diretrizes:

- I — Respeito aos direitos humanos, garantindo a autonomia e a liberdade das pessoas;
- II — Promoção da equidade, reconhecendo os determinantes sociais da saúde;
- III — Combate a estigmas e preconceitos;
- IV — Garantia do acesso e da qualidade dos serviços, ofertando cuidado integral e assistência multiprofissional, sob a lógica interdisciplinar;
- V — Atenção humanizada e centrada nas necessidades das pessoas;
- VI — Diversificação das estratégias de cuidado;
- VII — Desenvolvimento de atividades no território, que favoreçam a inclusão social com vistas à promoção de autonomia e ao exercício da cidadania;
- VIII — Desenvolvimento de estratégias de Redução de Danos;
- IX — Ênfase em serviços de base territorial e comunitária, com participação e controle social dos usuários e de seus familiares;
- X — Organização dos serviços em rede de atenção à saúde regionalizada, com estabelecimento de ações intersetoriais para garantir a integralidade do cuidado;
- XI — Promoção de estratégias de educação permanente; e
- XII — Desenvolvimento da lógica do cuidado para pessoas com transtornos mentais e com necessidades decorrentes do uso de álcool, crack e outras drogas, tendo como eixo central a construção do projeto terapêutico singular. (BRASIL, 2011, p. 3)

Nesse sentido, de acordo com Scheffer e Silva (2014), cresce ainda mais a importância do Serviço Social na Saúde Mental, com a inclusão de usuários e familiares nas políticas, com ações de cidadania e ações de direitos dos sujeitos na questão social que vivência o usuário e sua família, sendo o/a assistente social um profissional que tem um papel fundamental na equipe multidisciplinar nos serviços de saúde mental, promovendo a rede de articulação dos direitos sociais.

Segundo Scheffer e Silva (2014), se faz necessário que toda a equipe esteja bem articulada nas redes de saúde mental, com vistas ao fortalecimento da cidadania e inserção do usuário na saúde mental.

Na sociedade encontramos a particularidade das pessoas que fazem uso e abuso de álcool e outras drogas. No próximo item esta expressão da questão social, será abordada trazendo o Serviço Social junto à política de saúde mental, para compreender o processo de trabalho deste profissional.

1.3. SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE MENTAL, ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

No âmbito do Serviço Social, nos serviços de saúde mental, temos que compreender e intervir a partir da leitura crítica da sociedade, também dialogar com a multiplicidade das concepções teóricas e metodológicas no campo do uso e abuso de álcool e outras drogas. Cabe lembrar que atuamos tendo como horizonte o fortalecimento de ações comprometidas com a transformação da realidade social, pautadas na defesa dos Direitos Humanos e da cidadania dos usuários de álcool e outras drogas.

Ao olhar para a história, percebemos que o uso pelo ser humano de substâncias que alteram o sistema nervoso central é datado desde a Pré-História, com diversas finalidades, seja com fins espirituais, medicinais, de recreação, etc. Esse uso raramente era visto como uma questão de ameaça à sociedade ou aos sujeitos. Os efeitos sociais, tanto subjetivos do uso de drogas, esta relacionado aos contextos socioculturais e também aos controles sociais formais e informais das conjunturas históricas, como por exemplo, no âmbito jurídico, das leis e/ou dos costumes e culturas, essa forma de controle, são impostos ou reforçados por agentes culturais, como líderes políticos ou religiosos, familiares, empregadores, vizinhos, médicos, membros de órgãos de repressão, dentre outros, (MacRae, 2014).

O uso de drogas era geralmente feito de acordo com uma série de princípios, leis, regras de conduta e de rituais religiosos e profanos que determinava quem, como e com que finalidade a droga era usada. Era comum haver restrições de idade, gênero e classe social para diferentes substâncias e distintos modos de uso. Cada cultura desenvolvia as suas regras e seus costumes, de acordo com sua forma de entender o mundo e se organizar. O cumprimento dessas normas era imposto e fiscalizado de maneira formal, segundo leis preestabelecidas; ou, informalmente, pela

pressão e vigilância de familiares, vizinhos, sacerdotes, empregadores e outros agentes sociais, percebidos pelos sujeitos como importantes em suas vidas. Constituíam-se, assim, os chamados controles sociais formais e informais. (MACRAE,2014,pg.31)

MacRae (2014) traz alguns exemplos do uso da droga e sua relação com a especificidade histórica:

O ópio, produzido a partir da seiva da papoula, vem sendo usado há mais de cinco mil anos. Originário da Ásia menor e da Europa, seu uso espalhou até China. Apesar de ser, atualmente, considerado muito pernicioso, foi considerado, até o século XIX, uma dádiva divina para aliviar inúmeras mazelas do ser humano, especialmente a dor.

Já a *Cannabis*- maconha ou cânhamo - provém da China, segundo atestam restos de sua fibra encontrados em uma cerâmica chinesa, datada de 4000 a.C. Depois de se difundir pela Ásia, espalhou-se pelo mundo, chegando até a África. Usado ao longo da história da humanidade, para uma grande variedade de funções, suas fibras servem, por exemplo, para fazer cordas e tecidos, muito aproveitado na navegação. Era também, utilizada como medicamento em tratamentos oftalmológicos, contra a febre, insônia, tosse seca e disenteria. Além disso, foi usada para uma série de finalidades espirituais, seja para auxiliar a meditação, seja como incenso. Suas propriedades de alterar a consciência provocando o relaxamento e devaneios, tornaram-na muito procurada para finalidades lúdicas, ou seja, para simples diversão.

O uso de bebidas alcoólicas, remonta à Pré-História e seu emprego como medicamento já era mencionado em documentos do Oriente Médio, datados de 2200 a.C. São também numerosas as referências ao Antigo Testamento. Essa bebida alcoólica, assim como a cerveja, poderia ser misturada a outras drogas, produzindo bebidas de grande potência numa época em que ainda se conhecia a destilação.

Estimulantes - como a coca, o guaraná, o mate, o café, o chá, noz-de-cola, dentre outros- foram utilizados em diferentes continentes para produzir incrementos de energia e diminuir a fome. Eram usados, de maneira profana e de forma regular, várias vezes ao dia.

O uso de psicoativos tem, também, sido feito com propósitos espirituais em diferentes momentos históricos e em diferentes culturas. (MACRAE,2014, pg. 31-32).

Ainda, conforme o autor, durante o século IV, com a cristianização do Império Romano, decorreu o conflito e colapso das antigas noções pagãs sobre o uso de drogas, foram feitas relações estigmatizante aos cultos mágicos e religiosos, também por que seu uso nas antigas povoações pagãs tinha como finalidade autoconhecimento e cura do sofrimento. Para os cristãos a dor e a mortificação da carne era uma forma de aproximação a Deus, posteriormente no século X o uso de drogas para fins terapêuticos tornou-se sinônimo de bruxaria e heresia a ser punida, tanto por católicos e protestantes, resultando em torturas e mortes. As punições estavam ligadas a fins políticos e econômicos, tinha também a função de

estigmatizar grupos, como o de mulheres, camponeses/as e pensadores/as que questionavam os dogmas eclesiásticos (MacRae, 2014).

Trazemos esses elementos da história, para que possamos ter uma visão mais ampliada do uso das drogas e sua relação com a sociabilidade humana e suas diversas finalidades. Na contemporaneidade, com a lógica capitalista das relações humanas, se acentua o uso e abuso de drogas.

Nas palavras de Brites:

Os indivíduos sociais – inflados na sua singularidade; alienados da riqueza humana pela relação mercantil entre os homens e pelo consumo compulsivo; obcecados pelo sucesso (material) vertiginoso; isolados pelo individualismo e pela violência; abandonados e inseguros pela descrença nas práticas coletivas e políticas – podem encontrar no consumo de drogas – e nos usos dependentes das diversas drogas, uma forma alternativa de responder às necessidades postas pelo capitalismo e por sua ambiência cultural na atualidade, uma vez que esta sociabilidade só reconhece o sucesso (material), estimula o prazer e o espetáculo narcisistas e promete a cura de todos os males – alteração dos humores, desempenho, angustias e sofrimentos (físicos e psíquicos) – através de um cardápio de medicamentos cada vez mais extenso e poderoso. (BRITES, 2006, pg.66)

Voltando-se para o Brasil, no contexto do século XX, as respostas sociais e de saúde sobre o uso e abuso das diversas drogas se alinhou às tendências conservadoras dominantes. Tinham foco moralista⁴ e autoritário, com base na bandeira proibicionista “Guerra às Drogas”, advinda dos EUA em relação às drogas ilícitas, (Brites 2006).

Não foi levada em conta a profunda heterogeneidade dos modos de consumo, ou das razões, crenças, valores, ritos, estilos de vida e visões de mundo que sustentam o uso de psicoativos. Recorreu-se, em vez disso, a chavões generalizantes, moralistas e preconceituosos como o de “combate às drogas”. Isso tornou inviável e adoção medidas realmente eficazes para fazer a prevenção ou lidar com suas consequências nocivas (MACRAE, 2014, pg.36).

O Estado brasileiro por questões de cunho moral, político e econômico não estava tratando dos problemas relacionados ao consumo de álcool e outras drogas de uma forma que se levasse em conta os problemas relacionados ao álcool e outras drogas como uma questão de saúde pública, lidando com os atravessamentos do uso e abuso das substâncias. As ações de prevenção e

⁴ Na sociabilidade burguesa, a moralidade é marcada pela alienação e fetichismo, gerando conteúdos de valor que colocam limite à autonomia e liberdade dos indivíduos sociais. (Heller, O cotidiano e a história, 1972)

tratamento eram ineficazes, as questões das drogas eram pautadas pelas instituições da justiça, segurança pública, pedagogia, benemerência e associações religiosas. Por ser um tema complexo, foi preconizado por parte do Estado ações de caráter fechado, baseadas predominantemente por uma prática psiquiátrica ou médica, ou de cunho religioso, focando-se como objetivo principal a abstinência.

Como se evidencia no documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental:

As implicações sociais, psicológicas, econômicas e políticas do uso de drogas não são consideradas na compreensão global do problema e a percepção distorcida da realidade do uso de álcool e outras drogas acabou por promover a disseminação de uma cultura que associa o uso de drogas à criminalidade e que combate substâncias que são inertes por natureza, fazendo que o indivíduo e o seu meio de convívio fiquem aparentemente relegados a um plano menos importante. Isto por vezes é confirmado pela multiplicidade de propostas e abordagens preventivas/terapêuticas consideravelmente ineficazes, por vezes reforçadoras da própria situação de uso abusivo e/ou dependência. Assim, historicamente, no Brasil o tema do uso do álcool e de outras drogas vem sendo associado à criminalidade e práticas anti-sociais e à oferta de "tratamentos" inspirados em modelos de exclusão/separação dos usuários do convívio social. As iniciativas governamentais restringiam-se a poucos serviços ambulatoriais ou hospitalares, em geral vinculados a programas universitários. Não havia uma política de alcance nacional, no âmbito da saúde pública (BRASIL, 2005).

Cabe sinalizar, no emaranhado de contradições, na década de 70, que tais medidas serviam aos interesses das forças dominantes e do regime militar no Brasil. Suas ações repressivas e truculentas recaíram aos diversos segmentos sociais, aos próprios profissionais da saúde, que foram perseguidos, presos e torturados. Essas forças de repressão e controle tinham ligação aos interesses econômicos, que atingiu o campo da saúde por meio dos cortes de financiamento e fechamentos dos centros de pesquisa. A saúde teve o uso dos recursos públicos com fins privado, servindo como exemplo na construção e reformas de clínicas e hospitais privados, o que gerou uma rede de corrupção do orçamento público, (Brites, 2006).

Apenas em 2002, e em consonância com as diretrizes da III Conferência Nacional de Saúde Mental, que o Ministério da Saúde passa a executar o Programa Nacional de Atenção Comunitária Integrada aos Usuários de Álcool e outras Drogas, dando maior atenção no que concerne suas múltiplas dimensões sociais ao problema do uso prejudicial de substâncias como um sério problema de saúde pública. Foram criadas políticas públicas específicas para a atenção às pessoas em

situação de drogadição, colocando o campo da saúde mental como percurso nas estratégias de ampliação do acesso ao tratamento, à compreensão integral da dinâmica dos problemas dos sujeitos, fortalecendo a promoção dos direitos e somada abordagem de Redução de Danos, conforme consta no documento “Reforma Psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas” (Brasil, 2005).

Redução de Danos aqui é compreendida conforme preconiza “A Política do Ministério da Saúde para Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas”

[...] reconhece cada usuário em suas singularidades, traça com ele estratégias que estão voltadas não para a abstinência como objetivo a ser alcançado, mas para a defesa de sua vida. Vemos aqui que a redução de danos oferece-se como um método (no sentido de *methodos*, caminho) e, portanto, não excludente de outros. Mas, vemos também, que o método está vinculado à direção do tratamento e, aqui, tratar significa aumentar o grau de liberdade, de co-responsabilidade daquele que está se tratando. Implica, por outro lado, no estabelecimento de vínculo com os profissionais, que também passam a ser coresponsáveis pelos caminhos a serem construídos pela vida daquele usuário, pelas muitas vidas que a ele se ligam e pelas que nele se expressam (BRASIL, 2003,pg.10).

Sobre a origem da Redução de Danos, conforme Brites, (2006):

As primeiras experiências de redução de danos entre usuários de drogas injetáveis surgem na Holanda, em 1984, através da iniciativa das Associações locais de usuários de drogas- Junkiebonden (Bastos,1998). O Problema de saúde que se colocava aos usuários holandeses naquele momento era a transmissão das hepatites virais; problema em torno do qual as Associações passaram a reivindicar do governo o fornecimento de agulhas e seringas para distribuição e troca entre os usuários de heroína injetável daquele país. Assim, os primeiros Programas de Troca de Seringas (PTS) passam a funcionar e oferecem aos usuários a possibilidade de cuidados à saúde sem a interrupção do uso de drogas. Anos mais tarde com a expansão da epidemia de HIV/aids em todo o mundo, os PTS foram identificados como os principais responsáveis pela taxas reduzidas de infecção pelo HIV/aids entre UDI justamente naqueles países que implantam os PTS precocemente, como foi o caso da Holanda onde a troca de seringas foi adotada antes da epidemia do HIV/aids se tornar um problema (BRITES,2006,pg.82).

Segundo Mesquita (1998) apud Brites (2006), as primeiras experiências de Redução de Danos brasileira, ocorreu em 1989 na cidade de Santos-SP, no intuito de prevenção de HIV/Aids entre pessoas que faziam uso de drogas injetáveis. O número do uso de cocaína injetável em Santos era bastante elevado, pois fazia parte das rotas de tráfico de cocaína no país, facilitando um grande mercado consumidor pela facilidade do acesso e redução do preço. Essas iniciativas foram

tomadas na gestão da prefeita Telma de Souza (PT), que dialogava com as reivindicações do movimento da reforma psiquiátrica. Essas intervenções repercutiram resistência por parte da mídia, das autoridades policiais, judiciais e médicas, mesmo as experiências internacionais demonstrando bons resultados.

A inserção da Redução de Danos na política foi um grande avanço no campo da saúde mental, visto as relações complexas na atenção psicossocial. Para Amarante (2007), um processo social que é complexo e se constitui enquanto entrelaçamento de dimensões simultâneas, que ora se alimentam, ora são conflitantes; que produzem pulsações, paradoxos, contradições, consenso, tensões.

Sendo o Serviço Social, uma profissão que tem base teórica crítica para análise desta realidade, podendo contribuir na identificação das conjunturas sociais acima citadas, no sentido de pensar estratégias para a viabilidade e fortalecimento dos direitos e ampliação de consciência política. Entendemos então que são sujeitos profissionais imprescindíveis no trabalho com usuários que fazem uso e abuso de álcool e outras drogas, somado a política de Redução de Danos.

Diante dos avanços dos marcos legais a respeito da Política de Saúde Mental, do amadurecimento ético político do Serviço Social, percebemos que é imprescindível maior movimento nessa construção política para efetivação e viabilidade dos direitos sociais dos/as usuários/as, tendo em vista que precisamos fortalecer as lutas democráticas, em meio ao crescente conservadorismo e ameaças postas na atual conjuntura neoliberal.

Nesse sentido é de suma importância que o/a assistente social na sua inserção na saúde mental, no contexto de álcool e outras drogas se aproprie do seu projeto profissional, para fazer as leituras da totalidade das relações sociais para produzir respostas que dialoguem e fortaleçam as demandas dos sujeitos envolvidos.

Brites (2006) colabora no âmbito da categoria profissional:

[...] por essa inserção na divisão social e técnica do trabalho e, por intervir nas expressões da questão social, o trabalho do Assistente Social se realiza num campo contraditório mediado pelos antagonismos de classes em relação, o que confere essa profissão uma determinada forma de participação no processo de reprodução social (Iamamoto, 1991). Participação concretizada por um trabalho cujos produtos objetivos atendem as necessidades sociais e assumem uma direção social que se particulariza no âmbito da luta de classes. Por isso quanto mais consciente, crítica e competente – em seus fundamentos teórico- metodológicos, técnico-operativos e ético-políticos – fora a realização deste trabalho tanto mais

capaz, potencialmente será de construir respostas alternativas as limitações objetivas postas pela sociabilidade burguesa à realização dos direitos sociais e de cidadania e à ampliação da liberdade – enquanto valor ético central (Barroco, 2001a) (BRITES,2006,pg.16)

Pensar a construção de respostas alternativas aos limites burgueses requer ações e estratégias que venham contribuir de modo significativo na vida dos sujeitos. Segundo Scherer (2010),o uso da arte por meio das suas múltiplas manifestações tem a possibilidade da visualização das relações sociais e tem a capacidade de contribuir para que os sujeitos possam se enxergar a partir de outras dimensões, mobilizando processos sociais que fomentem uma visão crítica da realidade no qual estão inseridos/as.

No próximo capítulo abordaremos as manifestações artísticas a partir de um referencial crítico, fazendo o diálogo com o Serviço Social na sua dimensão técnica-operativa, na reflexão do fazer profissional, na perspectiva do encontro da arte com esta profissão.

CAPÍTULO II ARTE E SERVIÇO SOCIAL: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE A REALIDADE

*Todo mundo nasce artista,
Depois vem a podaço,
E a vida fica triste,
Sem arte, sem emoção*
“*Todo mundo nasce artista*” Aíla Magalhães

A arte, segundo Hegel (1974) apud Prates (2007), tem a função de expressar por meio do sensível, nossa ideia do mundo, que reflete valores e concepções do indivíduo sobre si próprio, sobre a natureza e ainda expressa seus hábitos e costumes. Logo, as relações sociais, históricas e processuais, ou seja, a sua subjetividade materializada na pintura, na dança, na culinária, na escultura, no teatro, na arquitetura, na música, são nossas objetivações socialmente construídas ou socialmente determinadas.

Segundo Aguiar (2008), na história da filosofia o discurso estético não possui uma única forma característica de compreensão. Entre filósofos a concepção da arte sempre oscilou entre diversas perspectivas, entre elas, alguns consideravam apenas a beleza natural e artística da obra, outros, viam-na no âmbito da metafísica do belo ou da relação empírica do gosto. Divergindo entre várias concepções entre o gênero artístico, pensadores davam um status privilegiado para suas teorias, rodeando a vida humana em seus múltiplos aspectos, partindo de uma experiência do sensível até sistemas filosóficos mais complexos.

Conforme Benjamin (1955), as manifestações da arte sempre tiveram seu caráter reprodutível em processos de imitações ao longo da história da humanidade. Tais reprodutibilidades podem ser praticadas por alunos/as para exercitarem a arte, por mestres para divulgação de obras, para lucro de terceiros.

Os Gregos conheciam apenas dois processos de reprodução técnica de obras de arte: a fundição e a cunhagem. Bronzes, terracotas e moedas eram as únicas obras de arte que podiam produzir em massa. Todas as outras eram únicas e não podiam ser reproduzidas tecnicamente. As artes gráficas foram reproduzidas pela primeira vez com a xilogravura e passou longo tempo até que, pela impressão, também a escrita fosse reproduzida. São conhecidas as enormes alterações que a impressão, a reprodutibilidade técnica da escrita, provocou na literatura. Mas à escala mundial, tais modificações são apenas **um** caso particular, ainda que extraordinariamente importante **do** fenômeno que aqui se observa. À xilografia juntam-se, no

decorrer da Idade Média, a gravura em cobre e a água forte, bem como a litografia no início do século XIX. (BENJAMIN, 1955, pg.2)

No século XX, com as mudanças no modo de produção capitalista, as transformações no campo social e tecnológico interferem nos domínios da cultura, que incide no aprofundamento de reproduções técnicas das manifestações artísticas.

Na opinião de Benjamin (1955), mesmo a reprodução mais perfeita não traz consigo o “aqui e agora” da obra de arte original, lugar onde cumpre sua história a qual esteve relacionada. O “aqui e agora” do original constitui o conceito de sua autenticidade. A autenticidade não é reproduzível. A percepção sensorial, as manifestações artísticas se alteram em diferentes épocas, condicionada naturalmente e historicamente.

A expressão artística natural pode ser entendida como:

[...] manifestação única de uma lonjura, por muito próxima que esteja. Numa tarde de Verão descansando, seguir uma cordilheira no horizonte, ou um ramo que lança a sombra sobre aquele que descansa – é isso a aura destes montes, a respiração deste ramo. (BENJAMIN, 1955, pg.5)

Para o autor as manifestações artísticas são singulares, autênticas, formas de aura⁵ e idênticas ao seu modo de se inserir no contexto da tradição. Esta tradição é viva e mutável, produto das relações sociais.

Uma estátua antiga da Vênus, por exemplo, situava-se - num contexto tradicional diferente, para os Gregos que a consideravam um objecto de culto, e para os clérigos medievais que viam nela um ídolo nefasto. Mas o que ambos enfrentavam da mesma forma, era a sua singularidade, por outras palavras a sua aura. O culto foi à expressão original da integração da obra de arte no seu contexto tradicional. Como sabemos, obras de arte mais antigas surgiram ao serviço de um ritual, primeiro mágico e depois religioso. É, pois, de importância decisiva que a forma de existência desta aura, na obra de arte nunca se desligue completamente da sua função ritual. (BENJAMIN, 1955, pg. 5/6)

Entendemos que é fundamental nos apropriarmos da arte, a partir da compreensão do modo de ser e se reproduzir do ser social. O Serviço Social,

⁵ A definição de aura como "a manifestação única de uma lonjura, por mais próxima que esteja" mas não representa do que a formulação do valor de culto da obra de arte, em categorias da percepção espacial e temporal. Lonjura é o oposto de proximidade. A lonjura essencial é a inacessível. De facto, a inacessibilidade é uma qualidade primordial da imagem de culto. Pela sua própria natureza, mantém-se "longe, por mais próxima que esteja". A proximidade propiciada pela sua matéria não afeta a lonjura que mantém depois da sua manifestação. (BENJAMIN, 1955)

enquanto profissão que dialoga cotidianamente com as expressões da Questão Social necessita de estratégias de intervenção que possam colaborar com a aproximação da realidade dos sujeitos usuários. A arte é uma alternativa de intervenção, Hegel e Benjamin nos mostra formas de leitura da arte que são importantes, potentes, sensíveis, mas no âmbito da categoria profissional, há outros autores que colaboram na reflexão:

Conforme Lukács(apud NETO, 1994) a arte é processo de autoconsciência da humanidade, portanto um reflexo antropomorfizador da realidade. Para Marcuse (1978) e Schiller (in Duarte: 1977), a arte desafia o princípio da razão predominante ao representar a ordem da sensualidade (cognição sensível), pois invoca a lógica da gratificação contra a da repressão.(PRATES,2007,pg.226)

Para Marcuse (1997) apud Prates (2007), em uma sociedade onde trabalho é reduzido ao emprego, onde os valores de troca se sobrepõem aos valores de uso, pensar uma sociabilidade que preze pela gratificação em detrimento de uma razão mecanicista submissa aos valores do capital, logo, repressora, é totalmente contrário aos valores do sistema do capital. Nesse sentido, a arte como processo de cognição sensível em sua totalidade, só é possível na transformação das relações materiais de existência, na cultura, (entendida como sentido infligido pelos sujeitos ao seu viver histórico), na forma de trabalho e prazer.

Aguiar (2008) a partir da leitura de Adorno traz subsídios para pensar a apropriação da arte pelo capital:

A concepção de arte para Adorno não pode ser desvinculada de seu compromisso social. É por meio da análise do fenômeno artístico contemporâneo que o filósofo procura “denunciar” o caráter de manipulação do capital na arte. Crítica social e crítica artística não podem se separar quando o assunto é a consciência das pessoas. *A priori*, antes de suas obras, a arte é uma crítica da feroz seriedade que a realidade impõe sobre os seres humanos (ADORNO, 2001 *apud* AGUIAR 2008, p. 13).

De acordo com Aguiar (2008), questionar todas as expressões artísticas sendo considerada como arte libertadora, uma vez que para o filósofo nem tudo deve ser considerado “arte” autêntica, pois existe um tipo de arte que serve os interesses do capital, neutralizando qualquer perspectiva de cognição. A arte com finalidade de entretenimento não pode desenvolver um papel de emancipação dos sujeitos, pois seu objetivo é “mercadológico”; a arte só pode ser contemplada na sua

dimensão social quando é transversal à crítica e à filosofia, de forma a resistência aos processos de dominação que veda sua autonomia, Aguiar (2008).

Ao dialogar com o Serviço Social, arte e intencionalidade política, temos que ter um pressuposto, reconhecimento que Aguiar (2008) nos dá contribuições:

A arte é, nas palavras de Adorno (1970, p. 117), “protesto constitutivo contra a pretensão à totalidade do discursivo [...]”. Um protesto radical contra todo o poder, inscrito não em seu conteúdo, mas em sua forma. É na forma que se encontra o verdadeiro elemento de protesto. Para ter forças contra uma sociedade gananciosa e de concorrência, a arte precisa ser inútil em sua forma, uma inutilidade radical para resistir ao poder da falsa integração (ADORNO, 1970 *apud* AGUIAR 2008, p. 117).

O inútil na sua expressão autêntica somando a arte é potente e político quando quebra com as formas padronizadoras da nossa existência; nadar contramaré, ir contra o vento, são formas de resistência. Nessa ótica, podemos fazer uma analogia com o Código de Ética do/a assistente social que no seu primeiro artigo dos princípios fundamentais preconiza o “reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes – autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais” (BRASIL, 2012, pg. 23).

Martins (2009) traz a leitura de Gramsci para discutir as manifestações culturais/artísticas e as possibilidades de construção de uma nova hegemonia. Aponta a cultura/arte como um terreno fértil para reprodução e transformação ideológica contribuindo efetivamente para a construção ou não de uma nova hegemonia. Em sua análise, para além do reconhecimento da estrutura econômica, formas de organização política da sociedade levam-se em conta também, os modos de pensar, as orientações ideológicas e os modos de conhecer.

O estudo gramsciano da sociedade civil e hegemonia têm por objetivo destacar a importância da direção cultural, e não negar a estrutura econômica como determinante histórico-social. E, exatamente por isso, o campo das subjetividades, das ideias e da cultura – portanto, dos sujeitos, dos intelectuais, da escola, da organização da cultura – torna-se absolutamente decisivo. A hegemonia, como direção cultural e moral, é também exercida no campo das ideias e da cultura, além das objetivações econômicas determinantes da estrutura das sociedades. (MARTINS, 2009, pg.50)

Cultura e educação na análise de Gramsci estão conectadas, de forma que estas dimensões em seu pensamento abarcam não apenas as artes, mas também ações pedagógicas e emancipadoras que não se restringem aos muros da escola.

Essas ações pedagógicas são percebidas em algumas manifestações culturais e artísticas que geralmente estão vinculados aos projetos societários defendidos pelas camadas subalternizadas, (Martins, 2009).

Gramsci acredita na prática pedagógica como principal instrumento de ruptura político-cultural com a tradição, substituindo as práticas mecanicistas por práticas que estimulem a criatividade e a criação, tendo como base a vontade racional. Esta é evidenciada como principal elemento na formação de uma nova cultura, pois “na medida em que corresponde a atividade prática adequada às necessidades objetivas históricas, isto é, a própria história universal no momento de sua atuação progressiva”. (GRAMSCI, 1989, p.33). (GRAMSCI, 1989 *apud* MARTINS, 2009, pg. 51)

Na atuação do Serviço Social é fundamental que se dê abertura para processos de criações dos autores imbricados, pois além de entrar em contato com a visão de mundo, seus valores, a expressão autêntica das pessoas envolvidas, possibilita a construção de vínculos, e o/a assistente social no seu papel de intelectual orgânico⁶, pode potencializar uma direção cultural, intelectual e moral, uma base social vinculada ao projeto societário que defendemos.

Segundo Conceição (2010) o uso das expressões artísticas como metodologia de trabalho de assistentes sociais deve conter objetivos profissionais, ou seja, intencionalidade política. Pensando o Projeto Ético Político da profissão, isso significa a utilização da arte visando à superação da ordem vigente e das relações de opressões. Sendo assim, os objetivos profissionais dos/das assistentes sociais, quando estão em consonância com a emancipação dos sujeitos e potencializados com a dimensão educativa/cultural das manifestações da arte, podem colaborar para construção de uma nova hegemonia, na formação de pessoas mais críticas e conscientes, que possam encontrar alternativas de superação de sua condição peculiar.

As expressões artísticas podem se manifestar no cotidiano do trabalho do/a assistente social por meio da dimensão técnico-operativa, o intervir, o “como fazer”.

Segundo Santos et al (2012) em suas sistematizações levantadas sobre exercício profissional do/da assistente social, evidencia-se uma premissa comum, que a categoria profissional se compõe pelas dimensões, teórico-metodológica,

⁶ De acordo com, GRAMSCI (1989) o intelectual orgânico é aquele que esta vinculada a uma perspectiva de classe comprometido com sua ideologia.

ético-política e técnico-operativa, numa relação de unidade, tendo cada uma suas particularidades.

[...] Particularidades essas que permitem que a dimensão técnico-operativa se constitua na “forma de aparecer” da profissão, na dimensão “pela qual a profissão é conhecida e reconhecida”. Ela é o “modo de ser” da profissão, o modo como aparece no movimento das três dimensões. (SANTOS, FILHO, BACK, 2012, pg. 17)

Sendo a dimensão técnico-operativa a forma como se materializa, se expressa, o fazer da profissão, se faz necessário o reconhecimento do trabalho profissional como resultado da totalidade, que se expressam em processos interventivos, formativos e investigativos. Isto significa compreender os múltiplos elementos que incidem nas ações, como a categoria profissional, condições objetivas do trabalho, condições subjetivas dos agentes profissionais e o Projeto Ético Político. (Santos et al, 2012). É principalmente por meio das ações da instrumentalidade profissional, junto à população que se promove as mudanças sociais. Concebendo a instrumentalidade como a unidade das três dimensões, não estima a supervalorização do elemento técnico operativo, mas o reconhecimento desta unidade para situá-las em uma condição fundamental, pois são elementos que efetivam suas finalidades, como a direção social das ações pré-definidas.

[...] a dimensão técnica operativa é constituída dos seguintes elementos: as estratégias e táticas definidas para orientar a ação profissional, os instrumentos, técnicas e habilidades utilizadas pelo profissional, o conhecimento procedimental necessário para a manipulação dos diferentes recursos técnico-operacionais, bem como a orientação teórico-metodológica e ético-política dos agentes profissionais. (SANTOS, FILHO, BACKX, 2012, pg. 21)

Ainda para as autoras é de suma importância pensar e usar as três dimensões profissionais de forma articulada e orgânica, implicando na relação teoria e prática, qualificando as intervenções, consistindo uma prática para além do manejo mecânico dos instrumentos e técnicas que são usados pelos/as profissionais, não resumindo as intervenções em receitas, prontas e fechadas. Cabe também discutir o trabalho sistematicamente realizado com a equipe profissional da organização, pois pensar o trabalho faz parte de superação do instituído no cotidiano profissional.

Vale situar o Serviço Social, sua relação na sociedade, assim como a necessidade de um profissional com habilidades inventivas, inovadoras e interventivas:

Ao desprender da base histórica pela qual a profissão surge, o Serviço Social pode qualificar-se para novas competências, buscar novas legitimidades, indo além da mera requisição instrumental-operativa do mercado de trabalho. Este enriquecimento da instrumentalidade do exercício profissional resulta num profissional que, sem prejuízo da sua instrumentalidade no atendimento das demandas possa antecipá-las, que habilitado no manejo do instrumental técnico saiba colocá-lo no seu devido lugar (qual seja, no interior do projeto profissional) e, ainda, que reconhecendo a dimensão política da profissão, inspirado pela razão dialética, invista na construção de alternativas que sejam instrumentais à superação da ordem social do capital. (GUERRA, 2007,pg.15)

Tendo esta compreensão da dimensão técnico-operativa do Serviço Social e as especificidades da política de saúde mental, compreendemos que a arte pode ser inserida em todo o processo de trabalho, considerando que, segundo Prates (2007), as intervenções e produções artísticas possibilitariam não só conhecer os sujeitos e suas condicionalidades, como também, a partir disso, a construção de novas estratégias de atuação que pode proporcionar a independência do sujeito.

A autora traz alguns exemplos de intervenções artísticas, afirmando que as expressões dos sujeitos através da arte é um importante material para análise (sócio-histórica, cultural, geográfica e ideológica), e que contribui para metodologias alternativas de mediação e intervenção do trabalho do/da assistente social.

Por exemplo:

O uso de filmes, letras de música, fotos e outros registros são ricos materiais dos quais podemos nos valer para interpretar o real. Uma foto, por exemplo, sobre o modo como os moradores de rua se organizam em grupos sob pontes ou viadutos, muitas vezes pode ser bem mais rica em detalhes, do que uma descrição escrita, para que uma equipe possa, coletivamente, analisar o uso do espaço por estes sujeitos. A análise de trechos de música popular de uma região ou país expressa, nas estrofes, valores, mazelas, indignações, representações, estigmas que são socialmente veiculados, diferentes modos de apreender contextos e fenômenos que compõem estas realidades. (PRATES, 2007, pg.227)

Destacamos que o trabalho com arte pelo Serviço Social não deve se visto como um meio tecnicista, "... uso da arte como fonte, os critérios para sua inclusão e a quantidade de estratos a serem utilizados dependem da existência e diversificação

de expressões ali contidas, sobre aquilo que é objeto de nossa investigação ou reflexão” (Prates, 2007, pg.231).

Os processos de criação, do eclodir das sensibilidades materializadas em múltiplos contornos (dança, música, teatro, poema, grafite, etc), somadas as nossas finalidades profissionais, pressupõe além de qualificação intelectual, política na direção social que defendemos que possibilite criações das pessoas envolvidas.

O cuidado com o método de exposição, segundo Marx é extremamente importante, tanto quanto com o método de investigação, pois neste momento, mais do que uma simples apresentação, expomos nossas sínteses como desdobramento, como complicação das antíteses, valendo-nos de todas as contraprovas históricas e as estratégias que possam torná-las mais consistentes e inteligíveis, mais apreensíveis pelos sujeitos, e porque não dizer, mais agradáveis, o que inclui a preocupação com a estética. Mesmo a dor, só é vivida de modo sensível pelo homem que desenvolve os sentidos, dizia Marx, no II Manuscrito, e quanto mais desenvolvido este sentido, maiores as possibilidades de identificação com a dor alheia, porque nos solidarizamos com ela ao invés de banalizá-la, naturalizá-la. Contudo, sobre este aspecto, é fundamental destacar que as estratégias para qualificar o processo de exposição não podem predominar ou ofuscar a riqueza do dado e do processo e o conteúdo dos achados, ou a essência e o adensamento das problematizações, porque, nestas circunstâncias, estariam servindo ao sentido inverso, qual seja, mascarar imprecisões, a falta de objetivação ou privilegiar o secundário sobre o essencial. (PRATES, 2007, pg. 231)

A literatura levantada demonstra relações do Serviço Social com as expressões artísticas, que tem caráter potente quando assume os valores contidos no Projeto Ético Político profissional.

O uso da arte pode ser uma estratégia nos serviços da Política de Saúde Mental, como no CAPS-AD. Os instrumentos de mediações e ações relacionados à arte no âmbito do Serviço Social podem contribuir para metodologias no sentido de compreensão e intervenção dos processos de alienação, das contradições do ser social, das emoções dos sujeitos, dos modos de viver, dos estigmas e preconceitos e das diversas expressões da questão social que emergem, com vista à emancipação política dos sujeitos.

CAPÍTULO III - SERVIÇO SOCIAL E MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS NO CAPS-AD DE SANTOS

*“Hay que endurecer pero sin perder la ternura jamás”
(Che Guevara)*

3.1. CAMINHOS TRAÇADOS E PERCORRIDOS

Este trabalho de conclusão de curso partiu de revisões bibliográficas, dialogando sobre a arte e Serviço Social no campo da dimensão técnica-operativa do trabalho dos/as assistentes sociais no CAPS-AD de Santos.

Trata-se de um estudo de delineamento transversal, com abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2012), a pesquisa qualitativa perpassa por questões muito particulares, ocupando-se nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não dever ser quantificado. Sendo assim, trabalha com as dimensões dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

O estudo foi conduzido na Seção Núcleo de Atenção ao Tóxico Dependente (SENAT) do município de Santos, São Paulo. A SENAT é o único serviço de referência ao tratamento de álcool e outras drogas do município para pessoas maiores de 18 anos – vinculado ao SUS, tendo como equipe profissional: uma assistente social, três psicólogas, três psiquiatras, duas enfermeiras, uma farmacêutica, uma terapeuta ocupacional, três técnicos de enfermagem e dois acompanhantes terapêuticos.

Os objetivos da pesquisa foram contemplados mediante aplicação de duas técnicas de investigação, a observação participante e entrevista semiestruturada.

Através da observação participante foi analisado e registrado o processo de trabalho com grupos e oficinas na SENAT, mapeando as atividades de acolhimento, ambiência, dinâmicas grupais e demais práticas desenvolvidas no serviço. Para isso, foi realizada observação durante uma semana típica de funcionamento da SENAT e foram feitos registros em um diário de campo.

A entrevista semiestruturada foi realizada com duas assistentes sociais, uma que atuou e outra que ainda atua na SENAT, com base no roteiro de entrevista semiestruturada (ANEXO III). A entrevista é a estratégia mais utilizada no trabalho de campo em pesquisa qualitativa. Capta a reflexão do próprio sujeito sobre a

realidade, uma percepção da realidade: ideias, crenças, modos de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; de atuar, condutas, projeções para o futuro, razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos (Minayo, 2010).

Sobre os aspectos éticos deste trabalho, o projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da UNIFESP (ANEXO I). Para salvaguardar a identidade dos sujeitos, todos os nomes aqui apresentados são nomes “fictícios”, tanto dos usuários quanto dos profissionais envolvidos.

As categorias encontradas foram analisadas com base em Ianni (1986), abrindo novas questões, possibilidades e reflexões. A construção de categoria implica se colocar diante da realidade, interrogando sobre todos os aspectos, perspectivas, buscando uma compreensão total, sua integridade que resulte numa análise ancorada na reflexão dialética.

3.2. A PARTICIPAÇÃO E A OBSERVAÇÃO NO COTIDIANO DO TRABALHO COM ARTE DA EQUIPE MULTIPROFISSIONAL E SERVIÇO SOCIAL

A relação com o campo é anterior, devido à realização de estágio no serviço durante o ano de 2014. O processo de estágio colaborou com a criação de vínculos com os/as trabalhadores/as da SENAT. Essa relação posteriormente facilitou a inserção no campo, como na participação das atividades.

O acompanhamento e participação das atividades foram de suma importância, para as reflexões da organização e dinâmica do trabalho da equipe multiprofissional, onde foram realizadas as oficinas que proporcionam dispositivos artísticos.

Partimos da compreensão de Moreira (2013), sobre o trabalho profissional conjunto a outros saberes.

Entendemos interdisciplinaridade como uma relação horizontal entre profissionais de formações diferentes partícipes conjuntamente de ações de trabalho que possuam objetivos políticos-profissionais convergentes, em que cada um desses sujeitos contribua com seus saberes através de relações democráticas, menos rígidas e limitadoras da expressão crítica e criativa entre os profissionais. (MOREIRA, 2013, pg.120-121)

Os dados que debatemos neste item foram analisados com base nos grupos e oficinas realizados durante a semana da observação participante. Com essa inserção e acompanhamento das atividades pudemos capturar suas metodologias de trabalho, relações com expressões artísticas, o impacto nos/nas usuários/as, intencionalidades que se expressam e também fazendo algumas ponderações sobre possíveis caminhos em uma intervenção composta pelo/a assistente social.

Descrição das metodologias e desdobramentos dos onze grupos acompanhados, facilitado pelos profissionais da Terapia Ocupacional, Psicologia, Psiquiatria, Enfermagem, Farmácia e Acompanhantes Terapêuticos:

Grupo de Família: encontro realizado semanalmente, que trabalha com os familiares dos/as usuários/as atendidos/as, facilitado por uma terapeuta ocupacional, um acompanhante terapêutico e uma estagiária da terapia ocupacional.

Metodologia: leitura conjunta de estudo de caso fictício impresso sobre um homem (Marcos) que está com problemas relacionados ao uso de álcool, seu contexto social e a construção conjunta de estratégias para o caso mencionado.

Desdobramentos: Houve discussão a partir do exposto, as pessoas se identificaram com a situação e junto aos facilitadores colocaram alternativas para o caso fictício de “Marcos”, conforme está registrado no diário de campo (15/09/15) “Foi discutido conjuntamente, o que ele precisa resgatar. Os facilitadores falaram de acompanhamento, cuidado, discutiram o caso, pensando as potencialidades, do que Marcos gostava, como o futebol, música, pagode, uma mãe disse que ele poderia gostar de dançar”.

Percebe-se que o/a facilitador/a se utilizou da discussão do caso fictício, para estimular a discussão e deram indícios das atividades que Marcos poderia realizar, “... jogar futebol e ouvir música, principalmente pagode” (DC-15/09/15), a música na situação fictícia pode ser geradora de concretização de elementos artísticos. O/A Assistente Social poderia contribuir por meio do mapeamento da rede de serviços públicos do município no estímulo e incentivo da ocupação do que lhe é de direito, dando ênfase aos processos contraditórios que se dão na lógica capitalista no uso do Estado.

Grupo de Música: atividade no espaço aberto de ambiência, voltada aos/as usuários/as, facilitado por uma terapeuta ocupacional, um acompanhante terapêutico e duas estagiárias da terapia ocupacional.

Metodologia: Em uma roda, os presentes foram convidados/as a cantarem e tocarem a partir dos instrumentos disponíveis no serviço (violão, cajon e pandeiro).

Desdobramentos: A partir da oficina lúdica, as pessoas puderam se expressar artisticamente.

Tinha pessoas que tocavam violão, dançavam, se colocaram, outras estavam tímidas e só acompanharam. A TO trouxe o rádio e uma caixa com vários álbuns de música, onde os usuários escolhiam as músicas (Ana Carolina, Fagner, É o Tchan, Calcinha Preta), deram risada, dançaram forró, tive a impressão que eles/elas gostaram. (DC-15/09/15)

O/A assistente social poderia contribuir com a discussão a partir do que traz a historicidade da música, regionalidades, culturas, o que composição revela e também problematizar os possíveis preconceitos contidos nas letras.

Grupo de Cinema: sessão de filme, facilitado por uma acompanhante terapêutica.

Metodologia: Exibição de filmes ofertados no serviço, na sala de ambiência mediante a escolha e votação dos/as próprios/as usuários/as.

Desdobramentos: No dia da observação participante foi escolhido o filme norte americano “O Homem de Ferro 2”, não houve discussão. O cinema e trabalhos audiovisuais materializado nos filmes, documentários, curta metragens, etc pode ilustrar representações diversas do nosso cotidiano. O profissional do Serviço Social, nesse sentido pode contribuir com filmes que sejam mais próximo da realidade das pessoas atendidas, mas também dar voz e escolhas aos sujeitos envolvidos, assim como pensar estratégias que possibilite as condições materiais e subjetivas de trabalho no sentido de exercer um espaço que possa ser prazeroso e estruturado.

AT disse que eles/as sempre escolhem filmes de ação, dei como sugestão filmes nacionais como o “Querô” e “Anjos do Sol” que abordam temas que pode ser discutido no grupo, a sala que estavam assistindo o filme era pequena e pelo número de pessoas, ficou apertado, cerca de vinte pessoas, estava muito calor, com só um ventilador ligado, outros dois quebrados, após o término não teve discussão, alguns ficaram no espaço de convivência, outros foram embora. (DC-15/09/15).

Grupo de Jornal: criação de edições de jornais dos/as usuários/as da SENAT, facilitadoras, uma terapeuta ocupacional, uma enfermeira, duas estagiárias da terapia ocupacional.

Metodologia: as matérias das publicações são criadas a partir das demandas e sugestões dos/as usuários/as. Nos encontros anteriores foi discutido a luta antimanicomial e registrado no jornal as atividades que eles/as participaram, na UNIFESP/BS, no espaço de cultura Arte no Dique, Praça Mauá, entre outros. Neste grupo, estavam discutindo pessoas que estão em situação de rua, a 6ª edição abordaria este tema, saímos da SENAT e fomos aos espaços chamados pelos usuários de “malocas” extraírmos fotos para as ilustrações do jornal da 6ª edição SENAT.

Desdobramento: Através da saída do espaço recorrente ao qual a maioria estava habituada, percebemos colaborações com a quebra do formal ao tratamento do uso abusivo de álcool e outras drogas, como também expressa intervenções alternativas relacionadas com que Basaglia propunha e realizou na Itália.

Saímos da SENAT, no caminho fomos conversando, tinha um usuário que falou um pouco comigo, sobre sua vida, mas de forma bem descontraída, não era nada formal, ele tinha 22 anos e tinha me dito que foi pai aos 14 anos, ficava no albergue no centro de Santos e que estava iniciando o tratamento na SENAT esta semana, já tinha passado pela Fundação Casa, nesse processo foi criado um vínculo. (DC 16/09/15).

Observa-se também o uso da fotografia como registro e captação da realidade, as formas de organização do senhor que estava em situação de rua.

Andando pela rua, as pessoas olhavam bastante, olhares curiosos, até quando chegamos a uma rua que tinha um senhor dormindo em um colchão embaixo daquele sol fortíssimo, perto dele tinha uma panela no chão, alguns dos usuários já conversaram com o senhor que parecia não querer interagir muito, tinha acabado de acordar, pedimos autorização pra tirar fotos dos materiais dele, ele tinha permitido, encontramos, gilete e outros materiais no meio das plantas trepadeiras, caixa de papelão. Convidamos para participar do grupo na SENAT, ele disse saber onde ficava o serviço, mas preferiu permanecer onde estava. (DC 16/09/15).

Grupo Bora se Mexer. atividade que fomenta exercícios corporais, facilitadora uma terapeuta ocupacional.

Metodologia: Foi proposto exercícios de alongamento e respiração (inspiração e expiração), automassagem guiados pela TO ao som de músicas relaxantes.

Desdobramentos: Ao observar o grupo, percebe-se que os corpos dos/as usuários/as carrega em si uma expressão militarizada, muitos têm dificuldades de

usar o corpo de forma não “convencional”. A discussão de relações de gênero e sexualidades no sentido de reflexão dos valores patriarcais poderia ser potente pós as práticas.

Depois foi orientado a fazer exercícios de alongamento, teve uma sequência, iniciando por movimentos com a cabeça, ombros, mão, pernas, pé, todo o corpo, nos exercícios em que os homens tinham que fazer movimentos de inclinação, os usuários faziam piadas de cunho machista, difícil registrar tudo o que parece, mas da pra compreender e refletir sobre diálogos que eles/elas trazem. Muitos momentos lembraram-me das vivências do projeto Artes do Corpo, que trabalha com consciência corporal, pensava nos jogos cênicos do teatro que caberiam ali, que eles/elas gostariam e que também poderia gerar uma discussão/reflexão, além de diversão. TO finalizou atividade que todos/as demonstraram ter gostado. (DC- 17/09/15)

Os corpos são produzidos seguindo uma matriz política de construção social que impõe uma sucessão compulsória e naturalizada entre corpo-gênero-sexualidade; masculino e feminino ganham visibilidade por configurações específicas de corpo. (Preciado, 2014). As naturalizações de gênero dominante fazem com que homens ao fazerem uma performance corporal “feminina” se sintam inferiorizados, pelo lugar que a “mulher/feminino” ocupa na sociedade.

Grupo de Leitura: facilitadora uma acompanhante terapêutica.

Metodologia: Leitura de texto “Antigamente” do Carlos Drummond de Andrade, que continha linguagens e ditos antigos. Os/As usuários/as pesquisaram no dicionário palavras e ditos que estava no texto ou colaborariam através do seu próprio repertório/lembranças.

Desdobramento: A atividade trouxe memórias, os/as usuários colocaram suas vivências mediante as linguagens que eram habituais em suas infâncias e continha no texto. A literatura não é fixa, produto da história e da cultura, reflete as relações sociais, proporcionar uma discussão que colabore para consciência histórica e social pode fortificar o encontro.

Grupo de Redução de Danos: facilitado por um acompanhante terapêutico.

Metodologia: Continuidade da leitura do grupo realizado na semana anterior da entrevista concedida a revista Época, pelo psicanalista Eduardo Mendes Ribeiro, consultor do Ministério da Saúde na Política de Humanização do SUS. Foi provocada a discussão a partir dos elementos da entrevista e formas de estratégias de enfrentamento para questão do abuso de drogas.

Desdobramentos: Houve debate, a proposta de Redução de Danos foi colocada na discussão, um dos usuários expôs “Aqui (SENAT) você é tratado normal, no portão pra fora você é tratado como um lixo” (DC-18/09/15). Essa explanação mostra que ainda na nossa sociedade a questão do uso abusivo de álcool e outras drogas são vista de forma moral e policial, possível traço que gera estigmas, exclusão e julgamentos das pessoas como no relato do usuário.

Oficina do Auto-Cuidado: facilitadora enfermeira e farmacêutica.

Metodologia: continuidade da oficina anterior, o grupo discutiu a tecnologia presente na educação, à enfermeira trouxe seu próprio tablet com imagens de instrumentos e uso da tecnologia na sociedade contemporânea e geraram a discussão através das falas dos/as usuários/as.

Desdobramentos: A Tecnologia a favor de quais interesses, a discussão gerou debates. Mais uma vez o dispositivo da fotografia como forma de atuação da equipe multiprofissional.

Grupo Acolhimento: facilitadora uma psicóloga e uma acompanhante terapêutico. Metodologia: trabalharam a partir das falas que surgiram, abordaram as estratégias para evitar o abuso de álcool e outras drogas.

Desdobramentos: Tiveram muitas falas diferentes sobre as situações de vida que os/as participantes passavam, um usuário explanou que reconhecia a semelhança no uso abuso de álcool e outras drogas mesmo sendo narrativas distintas.

Grupo de Orientação: facilitadora, psiquiatra e acompanhante terapêutico, destinado a pessoas que vão à primeira vez na SENAT.

Metodologia: caráter informativo do funcionamento, orientações, tira dúvidas, das atividades e apresentam os/as trabalhadores/as do serviço.

Desdobramentos: Os/As usuários/as tiraram suas dúvidas, espaço importante para quem chega ao serviço.

Oficina Fazendo Arte: facilitado pela enfermeira.

Metodologia: por meio de um Tangram (quebra cabeça chinês) os/as participantes foram convidados/as a pintarem as peças para montagem do quebra cabeça.

Desdobramentos: Todos/as estavam participando, ligaram o som do serviço e teve desentendimento entre os usuários, o que quase gerou agressão entre eles. A atividade foi encerrada. A violência é algo recorrente em nossa sociedade que é

cada vez mais imediatista e individualista, seja por diversas vias, discutir e refletir as formas de como se dão, pode ser um caminho que repercuta outras possibilidades. Conforme o diário de campo teve um debate pós o ocorrido: “Fizemos uma roda, discutimos o porquê daquela violência, porque estava recorrente no serviço, abordamos a cultura da violência, o que poderia ser feito para evitar ou diminuir, depois de um tempo, a coordenadora assim que chegou ao serviço, sentou na roda e participou.” (DC-21/09/15).

Brites (2009) com base na leitura de Heller, Netto e Barroco, discorre sobre as relações sociais individualizadas:

Assim, todas as atividades do ser social que estão mergulhadas na dimensão cotidiana da vida social são invadidas pela alienação gerada pela práxis econômica da sociedade burguesa. De acordo com as leituras de Heller (1972), Netto (2000) e Barroco (2001), podemos afirmar que as necessidades da vida cotidiana se voltam para a consciência singular, para o “eu”. Por isso as respostas objetivadas pelos indivíduos singulares no âmbito da vida cotidiana não se realizam como atividades conscientes, motivadas por orientações humano-genéricas. Ao contrário, tornam-se em articulação com esse contexto alienado, meios de reprodução de escolhas individualistas, do preconceito e do moralismo. (BRITES, 2006, pg. 40.)

A partir das sistematizações que foram abordados até aqui, podemos perceber que os/as trabalhadores da SENAT, se utilizam de dispositivos que proporcionam criações artísticas. Estes elementos ligados à arte também está relacionado com o que preconiza a Política de Saúde Mental sobre diversificação das estratégias de cuidado e abordagem de Redução de Danos.

Percebemos a ausência da assistente social na composição dos grupos e oficinas facilitados pelos/as trabalhadores/as da equipe multiprofissional. Na entrevista semiestruturada a assistente social 2 coloca que já trabalhou em alguns grupos, porém a questão dos recursos humanos reduzido e a mudança no processo de trabalho gera uma dificuldade para participação dos grupos e oficinas. Atualmente realiza as atividades de triagem e plantão social.

A profissional coloca o trabalho com a equipe multiprofissional, como construtoras de metodologias quando há diálogo das especificidades.

[...] dentro de uma equipe multiprofissional, cada pessoa passou por um processo de formação, e a especificidade existe... Então você pode apresentar sua especificidade nenhuma forma de colaboração profissional, ela vai ajudar nas diversas criações de metodologia de trabalho, acho que não só específico a arte, mas a tudo, então eu acho que você tem que

trazer a sua especificidade, seu núcleo, pro campo, numa perspectiva de colaboração profissional pra que dessa forma os diversos saberes possam se conversar e a partir daí criar e construir uma metodologia que abrange os diversos aspectos. (AS-2)

A Assistente Social 1, acredita no trabalho multiprofissional, mas faz ressalva sobre a atuação dos grupos realizarem oficinas isoladamente.

[...] no CAPS a gente percebia que a gente desenvolvia vários grupos, mas esses grupos não se conversavam, eram um trabalho muito mais profissional do que do equipamento. Não fazia parte do projeto técnico do trabalho, por exemplo, do CAPS. Eu lembro que quando eu fazia a Oficina de Jornal com a TO- Terapia Ocupacional, com a R., ela agregava muito, porque ela trazia um conhecimento da formação dela que era acrescida do meu conhecimento e a gente conseguia construir intervenções para além daquilo que estava sendo colocado. Só que isso é bem incipiente em alguns espaços, principalmente lá no CAPS.(AS-1)

Com base nessa fala, percebemos que o trabalho em equipe multiprofissional precisa ser dialogado, pois ainda é um desafio para os profissionais. Para além do diálogo e de seguimento das políticas de saúde mental, é necessário colocar em cheque as intencionalidades nos trabalhos em grupo. Como as escolhas dos instrumentos e técnicas a serem utilizados, que reflete “o que fazer?”, direcionado por um “como fazer?”, que por sua vez, é orientado por um “para que fazer?” (Cardoso, 2010, pg.3).

A autora colabora sobre metodologias de trabalho:

Uma série de procedimentos utilizados na ação profissional, que incluem um arsenal de técnicas e instrumentos, mas que vai muito, além disso. Tais procedimentos têm base em orientações teóricas que orientarão a escolha destes, bem como o caminho a ser seguido no uso das técnicas e instrumentos, ou seja, ao falar de metodologia do trabalho social, estamos falando de definições conceituais e teóricas que direcionarão a escolha dos caminhos a serem traçados junto ao público a ser atendido, que por sua vez, orientarão a escolha dos instrumentos e técnicas a serem utilizados. (CARDOSO, 2010, pg.3)

É fundamental destacar que o trabalho com dispositivos artísticos no âmbito do Serviço Social deve conter caráter social, reflexivo e crítico. Benjamin (1955) traz considerações sobre elementos artísticos, seu meio de fruição e perspectivas.

A reprodutibilidade técnica da obra de arte altera a relação das massas com a arte. Reacionárias, diante, por exemplo, de um Picasso, transformam-se nas mais progressistas frente a um Chaplin. O comportamento progressista é caracterizado pelo fato do prazer do espetáculo e da vivência nele suscitar

uma ligação íntima e imediata com a atitude do observador especializado. Tal ligação é um indício social importante. Porque quanto mais o significado social de uma arte diminui, tanto mais se afastam no público as atitudes, críticas e de fruição – como reconhecidamente se passa com a pintura. O convencional é apreciado acriticamente e o que é verdadeiramente novo é criticado com aversão. (BENJAMIN, 1955, pg.14-15)

A Assistente Social 1 exemplifica no contexto da saúde mental e álcool e outras a necessidade da relação com outros saberes para uma intervenção mais totalizante.

[...] Eu não tenho essa informação sobre os sintomas de abstinência do álcool, é necessário ter um profissional mais com essa linha biologicista, digamos assim, pra poder trazer essa temática e que eu acrescente com essa questão do olhar do serviço social de que se ele tiver uma crise de abstinência ou se ele tiver em uso abusivo de álcool, por exemplo, que ele vai ter direito a um leito de desintoxicação no CAPS, mas eu preciso instrumentalizar ele, para esse sujeito saber que sinais são esses, então é importante um trabalho interdisciplinar nesse sentido. Porque na saúde a gente trabalha com questões biológicas dentro de um contexto que é social. (AS-1)

Em relação ao trabalho em equipe, surgem posições que reforçam os valores dominantes vigentes. A assistente social 1 mostra a importância do posicionamento e o trabalho com arte, que proporciona aos sujeitos se colocarem a partir das suas próprias referências e habilidades, também gerar reflexões à cerca das hierarquizações que se dão em uma sociedade desigual regida pelo capital.

Na SENAT a gente iniciou uma oficina de jornal que era voltada para a questão mais de comunicação da arte enquanto meio de comunicação. E era com o objetivo de constituir um jornal comunitário com os recursos que tanto a instituição quanto os usuários tinham em mãos sobre a realidade deles e a realidade do serviço. Um processo que era democrático, porque era a partir da reflexão deles, a gente não trazia nada pronto, eles que traziam a vivência. E o papel do coordenador era de facilitar para que estas discussões realmente se materializassem na construção de um documento que era o jornal. Era bem interessante, porque a gente percebia potencialidade em todos os envolvidos; um desenhava, outro fazia uma redação. Eu lembro que logo que o jornal foi lançado nós sofremos até um certo preconceito por parte de alguns profissionais, porque questionavam sobre o uso do português, porquê haviam algumas coisas escritas de forma errada com os critérios ortográficos gramáticos de forma inadequada. E aí, eu via também... Eu trouxe essa discussão para a equipe que isto não é uma forma de dominação, de dizer que a forma que o outro escreve, da forma que o outro se comunica é uma forma errada/ equivocada. Tirando o direito daquela pessoa do uso da palavra. Então eu acho que o interessante do jornal e de que a gente rompesse com esses preconceitos, de mostrar que todo mundo pode se comunicar da forma que sabe. (AS-1)

Sobre as fronteiras e limites do trabalho com equipe multiprofissional, Conforme Cavalcante (2011), as relações de trabalho são regidas pela ideologia do

modo econômico capitalista, que impõe uma postura individualizada, o que dificulta a luta pelos interesses coletivos. Mas destaca pontes possíveis:

Ressalta-se que para (NICOLESCU, 1998), “a disciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, são as quatro flechas de um mesmo arco, o arco do conhecimento”. (In PATRICK, 2011, p.256). Sendo o desafio profissional separar, distinguir, mas também interagir, reunir, trocar, percebendo toda diversidade da questão social, sem fragmentá-la, buscando religar os saberes, numa atitude paradoxal, pois poderá envolver incertezas em sua práxis, mas visando a possibilidade de unificar as fronteiras que impedem de existir as pontes entre, através ou além das áreas diferenciadas e das pessoas que são sujeitos nesta realidade de fenômenos complexos. (CAVALCANTE, 2011, pg.6)

Podemos relacionar a contribuição da intervenção do/a assistente social no trabalho com dispositivos artísticos e a equipe multiprofissional, conforme os elementos da exposição de Iamamoto (2012):

Nos diferentes espaços ocupacionais do assistente social é de suma importância impulsionar pesquisa e projetos que favoreçam o conhecimento do modo de vida e de trabalho- e correspondentes expressões culturais – dos segmentos populacionais atendidos, criando um acervo de dados sobre os sujeitos e as expressões da questão social que as vivenciam. O conhecimento criterioso dos processos sociais e de sua vivência pelos indivíduos sociais poderá alimentar ações inovadoras, capazes de propiciar o atendimento às efetivas necessidades sociais dos segmentos subalternizados, alvos das ações institucionais. Esse conhecimento é pré-requisito para impulsionar a consciência crítica e uma cultura pública democrática para além das mistificações difundidas pela prática social em geral e particularmente pela mídia. Isso requer, também, estratégias técnicas e políticas no campo da comunicação social – no emprego da linguagem escrita, oral e midiática-, para o desencadeamento de ações coletivas que viabilizem propostas profissionais para além das demandas instituídas. (IAMAMOTO, 2012, pg. 200).

As contradições da sociedade do capital estão postas, ao que concernem as possibilidades e construções, as contextualizações, mediações e intervenções são necessárias. Apostamos e acreditamos que essas somas são potentes, o que não significa anular as identidades e saberes profissionais, mas sim a soma com outras áreas afins que pode possibilitar construções de estratégias com intervenções artísticas, a partir do diálogo das especificidades profissionais, troca de saberes e perspectivas, contribuindo para práxis reflexiva e coletiva ou até mesmo gerando resistência na composição dos projetos profissionais.

Por entender que a experiência da observação participante neste processo de pesquisa foi de fundamental importância para o amadurecimento deste trabalho, apresentamos na íntegra os Diários de Campo (ANEXO II).

3.3. AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS COMO DISPOSITIVO DO TRABALHO PROFISSIONAL EM SERVIÇO SOCIAL, IMPACTOS E DESAFIOS

As expressões artísticas podem se manifestar de diversas formas. O/A assistente social pode ser um/a facilitador/a destes dispositivos. Nas entrevistas semiestruturadas realizadas com as duas assistentes sociais, sendo uma que trabalha e outra que já trabalhou na SENAT, captamos a realidade a partir das suas vivências, apreensões e trajetórias.

Conforme consta no diário de campo, o primeiro contato das assistentes sociais entrevistadas com os dispositivos artísticos no âmbito da formação se deu através da pesquisa relacionada ao direito à cultura e projeto de extensão. “Eu sempre tive interesse em relação ao direito à cultura, do acesso das populações de regiões periféricas da cidade de São Paulo aos equipamentos culturais. Meu TCC-Trabalho de Conclusão de Curso foi a partir disso, a partir de um estudo de caso do Capão Redondo.” (Assistente Social 1).

Na segunda entrevista,

[...] eu participava de um projeto de extensão que se chamava Grupo de Alfabetização Paulo Freire- APAF, a gente alfabetiza adultos que ficavam nos subúrbios da cidade de Franca e em alguns momentos a gente usava poesias, faziam eventos que pudessem auxiliar no processo de alfabetização, no método Paulo Freire. (AS- 2)

Além da pesquisa e o projeto de extensão, existiu outros fatores que colaboraram e endossaram o trabalho com arte para as duas assistentes sociais. A assistente social 1 se aproximou através do curso de teatro. A Assistente Social 2, por meio da Residência Multiprofissional, Aprimoramento com realização de atividades artísticas, por exemplo, possibilitando músicas aos usuários de longa permanência da enfermaria do programa de especialização que ela estava vinculada.

Com as explanações colocadas percebe-se que as assistentes sociais já abordaram elementos artísticos em sua atuação, que vêm desde o processo de

formação e vai para além da graduação, com especializações e curso que fomente as ligações com atividades artísticas.

No âmbito do Serviço Social, para o trabalho com mediações artísticas, é imprescindível uma práxis reflexiva ou intencionalidade que se coadune com nosso projeto profissional. Portanto, para criação de intervenções artísticas, “é necessário estabelecer um alto grau de coerência entre a direção teórica-metodológica e ético-política e a definição dos objetivos e dos procedimentos operativos” (Miotto, 2009, p.508).

Nas entrevistas foi possível registrar as motivações que levaram as profissionais a trabalharem com atividades artísticas.

O que eu acho significativo na arte é que ela consegue suspender o indivíduo das suas condições objetivas e materiais, e fazer com que ele reflita sobre elas e as ressignifique por meio da arte. E a partir dessa ressignificação talvez ele consiga pensar em estratégias coletivas de enfrentamento ao que seja injusto, que seja promovedor de desigualdades. (AS- 1)

Nota-se que a trabalhadora, pensa a arte como uma manifestação de resistência. Conforme Fuziwara (2014) pode ser entendido como sociabilidade de resistência, “Atribuímos importância à atividade artística que compõe resistência aos valores capitalistas por compreendemos que há uma dimensão estética da vida humana que lhe dá sustentação e continuidade”. A autora aponta para a análise da contextualização das expressões artísticas.

[...] ao refletirmos sobre os conteúdos das diferentes expressões artísticas, é exigência metodológica considerarmos os contextos e fundamentos da sociedade. Ao reconhecermos que a atividade artística é uma objetificação do ser social temos uma perspectiva que favorece apreender o movimento desse sujeito. Assim como o marxismo não é um conjunto de normas e regras estáticas, pré- concebendo o objeto, o mesmo se coloca para uma reflexão sobre as criações artísticas. Não é conjunto de normas de dever-ser. Refletir sobre atividade artística supõe buscar seus fundamentos e contradições, que estão inseridos nessa sociedade capitalista. (FUZIWARA, 2014, pg.39)

A profissional também aponta seu professor de teatro que contribuiu na sua apreensão e perspectiva das linguagens artísticas:

[...] ele falava assim, “Se a arte realmente ela for para além daquilo que está posto da cultura de massa ou da cultura erudita que apenas reproduz o pensamento da classe dominante. Ela precisa ser visceral, ela precisa tirar

do ser humano, do homem enquanto genérico, da sua condição habitual, da sua zona de conforto, ela tem que provocar reflexões” (AS-1)

A Assistente Social 2 recorda da sua formação em Serviço Social e faz a conexão com as manifestações artísticas.

Eu lembro quando eu estava na faculdade uma das questões na reconceituação da profissão é o novo perfil dos assistentes sociais, tinha dois elementos que eu sempre carreguei pra minha vida, que é a criatividade e a propositividade, esses dois elementos eu carrego independente do setor que eu to, se to na saúde , se to trabalhando na habitação, como já trabalhei, eu acho que sempre tão muito comigo. E aí eu acho que a criatividade ela está diretamente ligada à arte, porque você vai buscar outros meios que não os tradicionais de fazer uma abordagem, então eu acho que tem tudo haver, então eu acho quanto maior for seu campo de saber, cultural, artístico, maior a possibilidade de estimular a criatividade durante o atendimento e propor novas formas de atuação e assim ser um profissional propositivo, novos agires profissionais, então eu acho que está totalmente ligado. (AS-2)

Criatividade e propositividade são fundamentais para intervenções artísticas, por outro lado, a assistente social 1 traz apontamentos que expressam carência na formação em Serviço Social o que implica sua relação com a arte.

Eu acho que talvez a gente tenha um pouco enfraquecido esse olhar do trabalho com os grupos por conta do Serviço Social conservador, ele era muito voltado com trabalho em grupo, com serviço social de caso/grupo e de comunidade. Então eu acho que a gente... lógico que a gente precisa se apropriar dessas práticas, reconhecer a história é significativo para os sujeitos, mas ressignificá-las a partir do nosso novo referencial teórico que foi possibilitado pelo projeto ético-político, mas eu percebo que existe uma carência em relação a utilização de metodologias artísticas no trabalho social. (AS-1)

De acordo com Moreira (2012).

O trabalho com grupo em Serviço Social passou por uma ressignificação profunda a partir da emergência da Intenção de Ruptura com o Serviço Social tradicional. Tal ruptura trouxe como consequência a negação do “Serviço Social de Grupo” como um “método”, assim como a superação da concepção que colocava o “assistente social de grupo” como uma especialização profissional. (EIRAS, 2006 *apud* MOREIRA, 2012, pg.70-71)

O autor continua dialogando sobre o amadurecimento da produção teórica do Serviço Social. A apropriação da teoria social marxista no conjunto de suas elaborações profissionais proporcionou enfrentar o debate do “fazer profissional”, mas sinaliza Iamamoto (2003, p. 52) sobre o desafio do trabalho em grupo de,

“transitar da bagagem teórica acumulada ao enraizamento da profissão na realidade” sem se reduzir em uma ação tecnicista.

Relacionando intervenções artísticas e Serviço Social, na concepção Benjamin (1955), a reprodutibilidade técnica das linguagens artísticas gera uma perda nos processos criativos artísticos. O que nos mostra o desafio do trabalho dos/as assistentes sociais mediados por dispositivos artísticos.

Sobre as metodologias propiciadoras das expressões artísticas, percebemos que um dos meios possíveis é ocupação dos espaços e serviços públicos.

Eu acho que, as oficinas, é um método de trabalho, que estimula, e é possível você inserir a arte, as atividades com grupo, eu acho que saídas, atividades extras muros... Então se você tem um grupo de usuários, e começa a promover atividades extramuros CAPS-AD, você começa ocupar os diversos espaços do território, do município, que eles comecem a reconhecer esses outros espaços como espaço a serem ocupados por eles também que muitas vezes eles não se reconhecem como sujeitos de direitos que possam ocupar esses espaços e Santos é uma cidade que oferta bastante espaço cultural gratuito, a gente tem o MISS – Museu da Imagem e do Som de Santos, Cine Posto 4 que pode ter uma conversa com os serviços de Saúde ,já consegui visita no aquário, então tudo que é da rede do município, existe a possibilidade de ter uma conversa, um acordo, e fazer essas visitas gratuitamente nesses espaços, mas isso sempre vinculado ao tratamento. (AS-2)

Em relação a estratégias de intervenções artísticas e empoderamento dos/as usuários/as como sujeitos de direitos, a assistente social 1 traz o teatro do oprimido como um dispositivo significativo para os/as usuários, pois eles/as se reconhecem na representação que o teatro do oprimido provoca, conforme consta no diário de campo.

[...] eles já tiveram grupos e oficinas potentes em relação ao Teatro do Oprimido. Que é uma metodologia, que foi feita por Augusto Boal, que tem como proposta que as pessoas representem/interpretem os conflitos da sua realidade e pensem em estratégias coletivas de transformação. Então, assim, do pouco que escutei dos usuários mais antigos que frequentavam a SENAT- Seção Núcleo de Atenção ao Toxicodependente- também o NAPS- Núcleo de Apoio Psicossocial- (eu também já tive uma trajetória profissional no NAPS) e que essas oficinas elas eram muito significativas para esses sujeitos. Inclusive tiveram momentos que eles fizeram apresentações em outros lugares, então tinha uma questão de reconhecimento de autoafirmação. (AS-1)

Martins (2009) ao discutir o teatro do oprimido e as representações cênicas. Defende que esta manifestação artística colabora e incita a discussão coletiva das

expressões da questão social, possibilitando que os sujeitos-atores inseridos na construção dramática exerçam uma cidadania ativa.

Conforme já colocamos, os esquetes apresentados através das técnicas do Teatro do Oprimido não são acabadas, não possuem um fim tradicional, a exemplo do teatro convencional; mas sim o contrário da educação perpetuada pelas camadas dominantes, a educação popular proposta pelo TO busca ajudar e estimular os sujeitos inseridos no processo a fazerem questionamentos, a dialogar, participar, a agirem, enfim, a articularem-se em favor da defesa e prevalência dos direitos sociais, políticos e econômicos.(BOAL,1977). (BOAL 1977 *apud* MARTINS 2009 pg.116-117)

A assistente social 2, complementa sobre as atividades artísticas e suas repercussões quando corrobora na direção da autonomia dos sujeitos, deixando fluir e eclodir manifestações artísticas à partir do que os/as usuários/as carregam.

[...] a expressão artística que vale, que eu aposto, nas expressões artísticas que faz sentido ao usuário naquele momento, naquele grupo de pessoas que estão, frequentando, que frequentam aquela oficina, então eu acho as expressões artísticas, as atividades tem que ser construída conjuntamente com os usuários, de forma que faça sentido pra ele e fazendo sentido pra ele, faz sentido pra mim quanto profissional, e com isso eu consigo ter uma construção de vínculo, de confiança, e aí eu posso atuar dentro da minha especificidade, a construção de uma autonomia, de outras visões, de outras possibilidades de vida, outras possibilidades de escolhas, né? É um processo, do tratamento, assim, é uma forma, ferramenta também, que a gente pode usar pra construir esse vínculo né? E aí partir da construção desse vínculo a gente possa atuar de acordo com as necessidade dele, de acordo com aquilo que faz sentido pra ele, então a expressão artística pra mim que faz sentido é a expressão artísticas que faz sentido para o grupo que esta frequentando a unidade.(AS-2)

Nessa direção de colaborar com dispositivos artísticos somados a autonomia dos sujeitos, criando vínculos e relacionando a especificidade profissional. Segundo Miotto (2009), a relação horizontal, estabelecida entre profissional e usuário colabora para as intervenções qualificadas.

O estabelecimento de vínculos e conformação de uma relação democrática entre profissionais e usuários são fundamentais para que o processo educativo alcance seus objetivos. Ou seja, espera-se que por meio do processo educativo, o usuário- com informação e reflexão- ganhe mais autonomia para circular no espaço social, tomar decisões sobre as formas de conduzir sua vida, alcançar na consciência da sua cidadania e ter participação em diferentes instâncias da esfera pública, especialmente nas de controle social. (MIOTO, 2009, pg. 504)

No sentido de proporcionar autonomia e escolhas para os/as usuários/as através das atividades artísticas e perspectiva de Redução de Danos, a assistente social 2, narra a história de um usuário em situação de rua que era resistente ao tratamento, não participava dos grupos e oficinas, quando estava no serviço ficava dormindo e só via legitimidade no tratamento através da medicação. Por meio do contato com a Secretaria de Cultura, a profissional garantiu vagas aos usuários da SENAT em oficinas e atividades artísticas da cidade de Santos. O usuário demonstrou interesse nas aulas de violão, posteriormente nas aulas de violão se construiu uma relação de horizontalidade com a profissional, que proporcionou que o usuário participasse das demais atividades do serviço, resultando na ampliação e melhora do seu tratamento. Nota-se que as metodologias ligadas à arte contribuíram com o usuário.

[...] Pela perspectiva de redução de danos, essa iniciativa, o violão, a música, a arte fez toda diferença no processo tratamento dele, no processo de cuidado, foi a partir da frequência dele nas aulas de violão, foi a música que começou a transformar o modo dele ver o mundo, começou abrir novas possibilidades, então eu acho que esse foi um caso, que ilustra bastante como a arte a cultura a partir do desejo dele também, pode, dispor novos rumos no tratamento, como isso tá totalmente ligado, educação, arte, cultura, saúde, acho que pra mim é uma coisa só, não tem como separar, isso não dá pra segmentar. (AS-2)

A assistente social 1, aponta que não se esgota na formação as atividades artísticas e mais uma vez ressalta uma lacuna com trabalho em grupos e metodologias artísticas e expressa sua intencionalidade política em consonância ao Projeto Ético Político quando cita autonomia e emancipação dos sujeitos.

[...] A formação acadêmica ela não oferece condições para você já ir realizando com confiança/segurança essas metodologias nos espaços sócio ocupacionais é algo que você acaba tendo que procurar em outros locais, talvez cursos, seminários ou então em cursos realmente voltados para a questão das artes. E você faz um filtro de tudo aquilo que você aprende, do que você pode aplicar nesse espaço tendo como prerrogativa que a finalidade não é a arte, a finalidade é autonomia e emancipação do sujeito, e tentar aplicar. Assim, cada vez que eu aplico um jogo teatral do teatro do Oprimido com um grupo, eu sei que é uma experiência completamente nova, porque são sujeitos diferentes, são encontros diferentes e o engraçado é isso, que um jogo teatral ele nunca é o mesmo, ele nunca tem um sentido fechado. Então assim, em um determinado grupo você pode caminhar para uma determinada discussão. Eu lembro que uma vez eu usei ... fiz um jogo teatral para discutir preconceito e esse mesmo jogo teatral eu estou utilizando hoje para discutir a questão do trabalho infantil. Então tudo depende das pessoas do objetivo do grupo. (AS-1)

Refletir sobre os processos de formação em Serviço Social se faz necessário para qualificar o trabalho profissional, assim como as intervenções artísticas. Outro elemento citado pela assistente social 2, sobre as dificuldade do trabalho com as linguagens artísticas é a infraestrutura, falta de alguns materiais que possibilite trabalhos artísticos, recursos humanos insuficiente para a demanda atendida e as limitações dos/as trabalhadores/as. Ela atribui essa defasagem ao Estado, conforme consta na entrevista.

[...] A precarização do serviço público, enquanto estivemos vivendo em uma política de governo, e não política de Estado, eu acho que isso em uma visão macro política to falando, não to falando dos espaços micro políticos, acho que as dificuldade estarão sempre presentes, uma política de governo que os interesses individuais e capitalistas sobrepõe os interesses coletivos.(AS-2)

O trabalho do/a assistente social requer dois movimentos de análise, que perpassa as relações macro e micro políticas, particulares e universais. Acreditamos que os contextos macropolítico, econômicos e sociais impactam na SENAT, assim como na demanda de trabalho do/a assistente social, as modificações no mercado de trabalho, incide na alteração dos processos de trabalho e nas condições em que se realizam. Com as políticas neoliberais observamos os desmonte dos serviços públicos, as relações de trabalho tendem a ser desregulamentadas e flexibilizadas. Ao mesmo tempo em que há cada vez mais uma retração dos recursos institucionais no sentido da mediação da acessibilidade aos direitos sociais (Iamamoto,2012).

É preciso demonstrar, no tempo miúdo do trabalho cotidiano (Yazbek,2001), nas situações singulares com o que assistente social se defronta no exercício profissional- situações essas carregadas tanto de dimensões universais quanto particulares – a viabilidade da direção social impressa ao projeto do Serviço Social brasileiro: seu potencial renovador da profissão na afirmação dos direitos sociais dos cidadãos e cidadãs, na atenção e no respeito às suas necessidades e interesses que, por inúmeras mediações, se transmutam em demandas sociais e profissionais. E com isto, avançar na legitimação da profissão na sociedade, na apropriação e ampliação dos espaços ocupacionais reforçando a identidade do assistente social. (IAMAMOTO,2012,pg.223)

A profissional 1 traz elementos que fazem refletir os processos sociais que implicam na vida dos/as usuários/as e vê na arte estratégia que auxilia no processo consciência política das mazelas da sociedade da competitividade e individualidade.

Então como eu disse, no CAPSAD aqui de Santos a gente tem um público que é majoritariamente masculino em situação de rua. Que é uma população que rompeu completamente ou de alguma certa forma com seu tecido relacional, tem um tecido relacional bem fragilizado, não dispõem de uma rede social de apoio diversa e, além disso, tem uma questão de que é um acesso ao mundo do trabalho, porque a gente está falando de classe trabalhadora. E classe trabalhadora que vive do trabalho, que vive da venda da sua força de trabalho. E esses sujeitos por conta do uso abusivo e também tem outros fatores, além disso, também tem questões relacionadas à estrutura econômica do nosso país faz com que esses sujeitos estejam sempre em um processo de exclusão desses espaços de negociação social. Então eu acho que os impactos que uma estratégia artística promove no espaço do CAPSAD é reflexão a respeito dessa realidade deles. É de quem sou eu no mundo? O que eu estou vivenciando não é culpa minha, não é que eu sou um desajustado, um vagabundo como a grande mídia e a população em geral prega. Tem um fenômeno social por trás disso. Fenômeno social que joga várias pessoas para fora daquilo que é considerado como cidadania. Então eu acho que a arte tem essa possibilidade de fazer que o sujeito consiga refletir sobre essa realidade. Que é muito mais efetivo que simplesmente falar para ele: “olha nós temos uma cidade que é desigual, que preza pela expansão do capital e você é uma vítima dessa injustiça. Então se movimente. Se rebele contra isso. Lute pelos seus direitos”. (AS-1)

A gama de conteúdos que emergiram nas entrevistas aqui discutidas nos envolveu fortemente com nossa perspectiva inicial: a de reconhecer que a arte é uma forte aliada do trabalho profissional e estratégica no campo da defesa de direitos e da liberdade dos sujeitos. Ainda caberiam inúmeros apontamentos a respeito das contribuições de nossas entrevistadas sob a luz da arte enquanto processo emancipatório possível e real. Nossas entrevistadas apontam com firmeza seus valores e crenças em dada perspectiva que converge com os princípios do Projeto Ético Político.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Serviço Social tem sua gênese na contradição do Capital e Trabalho e sua intervenção pode fortalecer um ou outro projeto de sociedade. Conforme vimos na literatura às lutas populares foram fundamentais para conquista dos direitos sociais, do protagonismo da luta da Reforma Sanitária, do Movimento Antimanicomial, as pessoas que se mobilizaram, questionaram e contribuíram no que hoje culminou nos serviços de atenção a Saúde Mental.

Os processos contra hegemônicos, de lutas sociais, são de suma importância para o enfrentamento dos interesses ideopolíticos dominantes que determinam desigualdades e provocam opressões. O modo de socialização burguesa, estima por valores de competitividade e individualidade.

A história mostra que os efeitos sociais, do uso de drogas, relacionam-se aos contextos socioculturais e também aos controles sociais de dada época da humanidade. A Redução de Danos traz estratégias que reconhece os sujeitos em sua autonomia e constrói projetos em defesa da sua vida.

A conjuntura atual é de perdas dos direitos conquistados socialmente, perda dos valores de universalidade, igualdade, equidade, do humano em sua genericidade. Os/As assistentes sociais são convocados/as a responder as demandas sociais nas suas complexidades. Para tanto alternativas de trabalho são possíveis, como os dispositivos artísticos, o que implica compreensões críticas das dimensões singulares e universais das relações humanas.

As expressões artísticas na sua autenticidade revelam sentimentos, crenças, sensibilidades, que por sua vez esta ligada com o modo de ser social. A Arte pode ser uma estratégia de trabalho nos serviços da Política de Saúde Mental, como no CAPS-AD. Os dispositivos artísticos tem caráter potente quando assume os valores contidos no Projeto Ético Político profissional.

No contato com a realidade, através da aproximação do cotidiano da SENAT, percebemos que o trabalho da Equipe Multiprofissional nos onze grupos e oficinas que acompanhamos foram propiciadores de experiências ligadas à arte que se relacionam com as diretrizes da Política de Saúde Mental. Defendemos que estas intervenções são potentes quando carregam em si, dimensões política e ética, quando os projetos profissionais são convergentes, no sentido de pontes de fortalecimento de direitos democraticamente públicos, de cidadania universal.

Lamentamos a ausência do Serviço Social na composição dos grupos e oficinas facilitados pela Equipe Multiprofissional, durante a semana de observação participante. Compreendemos que essa lacuna na equipe se deve ao processo de precarização e flexibilização do trabalho vivido pelos/as profissionais nos espaços públicos, ressaltando o depoimento de uma das entrevistadas que sinalizava que com o número reduzido de Assistentes Sociais, sua ação se restringiria as demandas fundamentais, como os plantões e triagens.

Acreditamos que esta participação poderia colaborar com discussões críticas, construindo coletivamente conhecimentos, fortalecendo os/as participantes acerca dos direitos sociais, promovendo reflexões, desconstruções sobre possíveis estigmas e preconceitos.

Nas entrevistas foi possível identificar que as assistentes sociais trabalham com dispositivos artísticos a partir de intervenções que expressam valores contidos no Projeto Profissional, conforme exposto no capítulo III:

O que eu acho significativo na arte é que ela consegue suspender o indivíduo das suas condições objetivas e materiais, e fazer com que ele reflita sobre elas e as ressignifique por meio da arte. E a partir dessa ressignificação talvez ele consiga pensar em estratégias coletivas de enfrentamento ao que seja injusto, que seja promovedor de desigualdades.
(AS- 1)

Porém sinalizam que existem lacunas na formação em Serviço Social quanto ao ensino de mediações e intervenções artísticas e com grupos.

Salientamos que é um desafio no âmbito da formação o trabalho com dispositivos artísticos que permeie a sensibilidade e autonomia dos sujeitos, sendo transversais as dimensões do nosso projeto profissional, sem perder a autenticidade das criações e não culminar em ações pautadas na mecanicidade.

Notamos que o trabalho movido por intencionalidades, no diálogo com autonomia dos sujeitos, que parte dos significados que os/as usuários/as carregam em si, um movimento horizontal. Sua relação com as linguagens artísticas e Serviço Social, trouxeram realmente impactos significativos para os/as protagonistas de suas histórias.

A lógica da ação não é orientada pelo fim de afirmação, mas sim de construção, que não parte apenas do/a assistente social quanto um indivíduo, mas do coletivo horizontal que tem histórias e visões de mundo diferentes, mas que na

Arte somada aos valores éticos e políticos do Serviço Social, pode proporcionar vínculos e posteriormente outros projetos de vida e de mundo.

Projetos que indiquem, construam e vislumbre uma sociabilidade, justa, igualitária, equitativa, sem opressões e dominações de nenhuma natureza.

“Nada é impossível de mudar”

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.

E examinai, sobretudo, o que parece habitual.

Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar.

(Bertolt Brecht)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wisley Francisco. Adorno e a dimensão social da arte. **Urutágua: revista acadêmica multidisciplinar**, Maringá, v. 15, p.135-142, 2008. Quadrimestral.

AMARANTE, Paulo. **Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007. 123 p.

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin - **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. 1955.

BRASIL. **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. – 10 ed. rev. Atual. – [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2012].

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3088, de 23 de dezembro de 2011. **Institui A Rede de Atenção Psicossocial Para Pessoas Com Sofrimento Ou Transtorno Mental e Com Necessidades Decorrentes do Uso de Crack, álcool e Outras Drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília, novembro de 2005. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/Relatorio15_anos_Caracas.pdf

BRITES, Cristina Maria. **Ética e Uso de Drogas**: uma contribuição da ontologia social para o campo da saúde pública e da redução de danos. 2006. 132 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc/sp, São Paulo, 2006. Cap. 5

CAMPOS, Florianita Coelho Braga. **O Modelo da Reforma Psiquiátrica Brasileira e as modelagens de São Paulo, Campinas e Santos**. 2000. 177 f. Tese

(Doutorado) - Curso de Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CARDOSO, P. F. G.; VICENTE, D. P.. **Manual, não; Metodologia, sim!** Reflexões sobre metodologia no trabalho com famílias. In: XIII Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2010, Brasília. XIII CBAS -, 2010.

CARDOSO, Priscila Fernanda Gonçalves. **Ética e Projetos Profissionais:** os Diferentes Caminhos do Serviço Social no Brasil. Campinas: Papel Social, 2012. 257p.

CAVALCANTE, Andreia Santos; REIS, Milane Lima; DE LIRA, Suzete Araujo. Interdisciplinaridade e questão social: novo paradigma no trabalho do serviço social na Amazônia. In: **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos. IPEA/CODE-Conferência do Desenvolvimento.** 2011.

CFESS. **Atribuições Privativas do/da Assistente Social em questão.** 1.ed. ampliada, Brasília, 2012, 74 p.

CONCEIÇÃO, Débora Guimarães da. O Serviço Social e prática pedagógica:: a arte como instrumento de intervenção social. **Ser.Soc.Rev.**, Londrina, v. 12, p.51-67, jun. 2010.

FUZIWARA, Aurea Satomi. **Atividades Artísticas e Lutas Democráticas:** na construção da sociabilidade de resistência contemporânea. 2014. 186 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc/sp, São Paulo, 2014. Cap. 4.

GUERRA, Yolanda. **Instrumentalidade no trabalho do assistente social.** Capacitação em Serviço Social e política social, CFESS/ABEPSS- UNB.v. 4, p. 01-16, 2007

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche:** capital financeiro, trabalho e questão social. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 495 p.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**: Esboço de uma interpretação histórico-metodológica. 35. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 400 p.

IANNI, Octávio. **Construção de Categorias**. Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais PUC/SP, São Paulo, v. 1, p.1-20, 1986.

MACRAE, Edward. A história e os contextos socioculturais do uso de drogas. In: MACRAE, Edward. **Curso de Prevenção dos Problemas Relacionados ao Uso de Drogas**: Capacitação para Conselheiros e Lideranças Comunitárias. 6. ed. Brasília: Senad-mj/nute-ufsc, 2014. Cap. 1. p. 15-22.

MARTINS, Janaina Bilate. **Teatro do Oprimido**: a experiência de Santo André/SP.. 2009. 212 f. Tese (Doutorado) - Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, São Paulo, 2009.

MIOTO, Regina Celia Tamaso. **Orientação e acompanhamento social a indivíduos, grupos e famílias. Serviço Social**: Direitos Sociais e Competências Profissionais. Unidade V. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009. 760p.

MOREIRA, Carlos Felipe Nunes. **O trabalho com grupos em Serviço Social**: A dinâmica de Grupo como estratégia para reflexão crítica. São Paulo: Cortez, 2013. 147 p.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social**: Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

PRATES, Jane Cruz. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o Assistente Social. **Revista Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 2, n. 6, p.221-232, jul. 2007. Semestral.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: Práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RAICHELIS, Raquel. O assistente social como trabalhador assalariado: desafios frente às violações de seus direitos. **Serviço Social & Sociedade**, [s.l.], n. 107, p.420-437, 2011. FapUNIFESP (SciELO). DOI: 10.1590/s0101-66282011000300003.

SANTOS, Cláudia Mônica de; SOUZA FILHO, Rodrigo de; BACKX, Sheila. A dimensão técnico-operativa do serviço social:: questões para reflexão. In: SANTOS, Cláudia Mônica de; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda. **A dimensão técnico-operativa do serviço social**: desafios contemporâneos. Juiz de Fora: Ufjf, 2012. Cap. 1. p. 15-38.

SCHEFFER, Graziela; SILVA, Lahana Gomes. Saúde mental, intersectorialidade e questão social: um estudo na ótica dos sujeitos. **Serviço Social & Sociedade**, [s.l.], n. 118, p.366-393, 2014. FapUNIFESP (SciELO). DOI: 10.1590/s0101-66282014000200008.

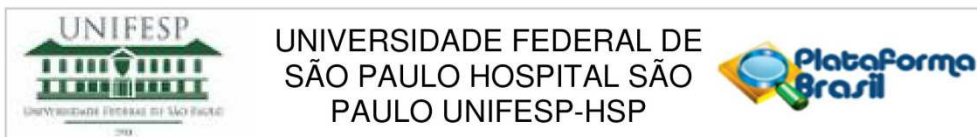
SHERER, Giovane Antonio. **Abrindo as Cortinas**: a arte e o teatro no reconhecimento de Juventudes e Direitos Humanos. 2010. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Puc/rs, Porto Alegre, 2010. Cap. 5.

SILVEIRA, Marília Rezende. **A saúde mental na atenção básica**: um diálogo necessário. Tese (Doutorado em Enfermagem) — Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

TEIXEIRA, J. B.; BRAZ, M. **O projeto ético-político do Serviço Social**. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. CFESS/ABEPSS/CEAD/Unb. 2009

YAZBEK, Maria Carmelita; MARTINELLI, Maria Lúcia; RAICHELIS, Raquel. O Serviço Social brasileiro em movimento:: fortalecendo a profissão na defesa de direitos. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 95, n. , p.5-32, set. 2008. Mensal.

ANEXO I PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Contribuições de intervenções artísticas no cotidiano do trabalho do(a) assistente social no CAPS-AD do município de Santos

Pesquisador: LUCIANA MARIA CAVALCANTE MELO

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47315015.1.0000.5505

Instituição Proponente: Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP/EPM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.172.230

Data da Relatoria: 05/08/2015

Apresentação do Projeto:

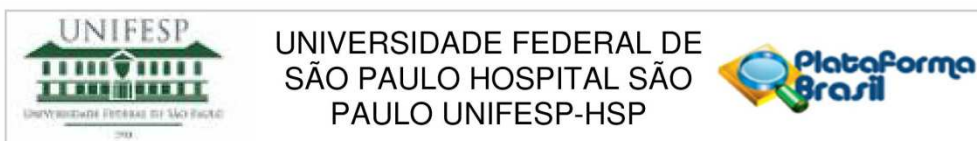
Projeto CEP/UNIFESP n: 0803/2015 Diversas estratégias são desenvolvidas para possibilitar o exercício da cidadania entre os sujeitos, consistindo a arte em um dispositivo facilitador deste processo. Este projeto de pesquisa refere a um trabalho de conclusão de curso em Serviço Social do estudante Thiago Mendonça de Oliveira e tem como objetivo observar e identificar as expressões da arte utilizadas no cotidiano do trabalho do(a) assistente social e contribuir na confecção de intervenções artísticas na atenção à saúde mental no CAPS-AD do município de Santos. Para coleta de dados será utilizada abordagem qualitativa, por meio das técnicas da observação participante do processo de trabalho e entrevista semi estruturadas com profissionais do serviço. Os dados obtidos serão interpretados e analisados a partir das categorias encontradas, entende-se a importância de pesquisas no âmbito do serviço social e arte em função de poucas produções científicas a cerca deste tema.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Compreender e identificar se os/as assistentes sociais do CAPS-AD de Santos fazem uso das expressões da arte enquanto metodologia de trabalho.

Objetivo Secundário: Identificar o uso das metodologias ligadas à arte pela equipe multiprofissional dos CAPS-AD de Santos. Conhecer/identificar as metodologias ligadas à arte

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.172.230

utilizada pelos assistentes sociais no trabalho com os usuários do serviço. Entender as representações dos(as) assistentes sociais sobre o uso da arte como metodologia de trabalho.

Hipótese: Pensando pessoas que fazem uso e abuso de álcool e outras drogas, assim como a política de saúde mental é importante estratégias de arte na atenção e cuidado destes sujeitos, estes instrumentos de intervenção podem ser propiciadores dos direitos humanos, assim como uma melhor qualidade de vida. Tendo esta compreensão nos indaga a investigação do trabalho do assistente social juntamente das expressões artísticas, elucidando um maior acervo na dimensão técnica-operativa da profissão. De fato os/as assistentes sociais da SENAT fazem uso das expressões artísticas no processo de cuidado à saúde? Quais são as lacunas no âmbito da formação ligadas a arte e as poucas produções científicas ligada a temática. Tendo em vista a Política Nacional a Atenção Integral a Usuários de Álcool e outras Drogas (2003), espere-se encontrar atividades artísticas na SENAT.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Em relação aos riscos e benefícios, o pesquisador declara:

Riscos: Entende-se que as perguntas elencadas não ocasionarão desconforto para os/ as assistentes sociais entrevistados, pois se trata de temas discutidos no âmbito do trabalho profissional e formação, no entanto, estaremos a disposição dos participantes para qualquer esclarecimento ou questão que possa suscitar algum desconforto.

Benefícios: Não vislumbramos o benefício direto para o participante, porém entendemos que o resultado desta pesquisa pode publicizar o tema, assim como contribuir para práticas de atuação que sejam pautadas na arte no âmbito da Secretaria de Saúde e Assistência Social de Santos, também o que cerne a formação do Serviço Social em diálogo com as linguagens artísticas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de trabalho de conclusão de curso em Serviço Social do estudante Thiago Mendonça de Oliveira, vinculado ao Departamento de Saúde, educação e Sociedade, Campus Baixada Santista.

TIPO DE ESTUDO: Trata-se de um estudo de delineamento transversal, com abordagem qualitativa. Esta pesquisa parte da revisão bibliográfica, dialogando sobre a arte e serviço social no campo da dimensão técnica-operativa do trabalho dos assistentes sociais, assim como as dimensões

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com

Página 02 de 04

teórica-metodológicas e ético-políticas da profissão.

LOCAL: O estudo será conduzido na Seção Núcleo de Atenção ao Tóxico Dependente (SENAT) do município de Santos, São Paulo, Brasil. A SENAT é o único serviço de referência ao tratamento de álcool e outras drogas do município para pessoas maiores de 18 anos ? vinculado ao SUS, tendo como equipe profissional: duas assistentes sociais, três psicólogos (as), dois psiquiatras, uma farmacêutica, uma terapeuta ocupacional, dois técnicos de enfermagem e um acompanhante terapêutico.

PARTICIPANTES: serão entrevistados 03 assistentes sociais que atuam ou já atuaram na SENAT.

PROCEDIMENTOS: Os objetivos da pesquisa serão contemplados mediante aplicação de duas técnicas de investigação. São elas: observação participante e entrevista semi estruturada. Através da observação participante pretende-se analisar e registrar o processo de trabalho na SENAT, mapeando as atividades de acolhimento, ambiência, acompanhamentos individuais, dinâmicas grupais e demais práticas desenvolvidas no serviço. Para isso, será realizada observação durante uma semana típica de funcionamento da SENAT e serão feitos registros em um diário de campo. A entrevista semi estruturada será realizada com uma média de 03 assistentes sociais que atuam ou já atuaram na SENAT.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Foram apresentados os principais documentos: folha de rosto; projeto completo; TCLE
- outros documentos:
- 1-)sec. saude.jpg: trata-se de autorização da secretaria de Saúde de Santos;
- 2-) roteiro das entrevistas

Recomendações:

Sem recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foram encontradas maiores inadequações. Trata-se de estudo baseado em observação de campo e entrevistas. O TCLE está adequado e foram mandadas as autorizações necessárias.

Situação do Parecer:

Aprovado

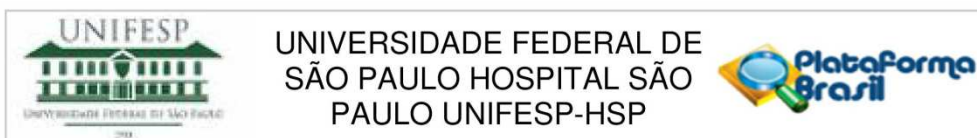
Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O CEP informa que a partir desta data de aprovação, é necessário o envio de relatórios semestrais

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14	CEP: 04.023-061
Bairro: VILA CLEMENTINO	
UF: SP	Município: SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062	Fax: (11)5539-7162
	E-mail: secretaria.cepunifesp@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.172.230

(no caso de estudos pertencentes à área temática especial) e anuais (em todas as outras situações). É também obrigatória, a apresentação do relatório final, quando do término do estudo.

SAO PAULO, 05 de Agosto de 2015

Assinado por:
Miguel Roberto Jorge
(Coordenador)

Endereço: Rua Botucatu, 572 1º Andar Conj. 14
Bairro: VILA CLEMENTINO **CEP:** 04.023-061
UF: SP **Município:** SAO PAULO
Telefone: (11)5571-1062 **Fax:** (11)5539-7162 **E-mail:** secretaria.cepunifesp@gmail.com

Página 04 de 04

ANEXO II – DIÁRIO DE CAMPO

DIÁRIO DE CAMPO I	
Local: SENAT	Data: 15.09.2015 (terça-feira)
Pesquisador: Thiago Mendonça de Oliveira Orientadora: Luciana Maria Cavalcante Melo	
EQUIPE: uma assistente social, três psicólogas, três psiquiatras, duas enfermeiras, uma farmacêutica, uma terapeuta ocupacional, três técnicos de enfermagem e dois acompanhantes terapêuticos, dois oficiais administrativos, uma chefe administrativa, quatro auxiliar de limpeza e uma coordenadora.	
Estar na SENAT <p>A relação com a SENAT, já é anterior, por ter feito estágio durante um ano neste serviço já foi criado vínculo com todos/as os/as profissionais do campo, exceto algumas pequenas modificações dos recursos humanos.</p> <p>Existe uma diferença de estar estagiando e ser um pesquisador, para o que olhar? Onde está a Arte? Como o Serviço Social entra? É só papel da Equipe Multiprofissional de saúde? Isso será discutido no processo da pesquisa, farei o exercício difícil de descrever a vivência deste campo.</p> <p>Chegando ao serviço sou bem recebido pela equipe e usuários/as, já procuro pelo café como de costume quando estou na SENAT. Estar no serviço é ter espaços de trocas e reflexões. Encontro a Terapeuta Ocupacional, que é uma das facilitadoras do grupo de família, que acontece nas terças-feiras às 08:30, antes de iniciar a oficina, ela me mostra um documento, onde é registrado as discussões do grupo, nele também contém os objetivos e métodos, que são importantes para guiar o grupo, sendo eles:</p> <p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none">• Acolher os familiares dos usuários/as;• Orientar sobre o tratamento dos/das usuários/as (tratamento ambulatorial, medicação, grupos do CAPS, internação voluntária, comunidades terapêuticas, internação involuntária, internação compulsória);• Fortalecer vínculos familiares;• Ampliar a rede de relações e cuidados (grupos de apoio, psicoterapia e outros)	

- Refletir sobre o adoecimento dos/das usuários/as e familiares;
- Diminuir a sobrecarga dos familiares;
- Facilitar a articulação com a equipe;
- Orientações sobre uso, abuso e dependência de drogas;
- Encaminhamento para serviços de suporte;

Método

São utilizadas atividades como disparadoras para reflexão sobre os temas pré-estabelecidos pelos/as terapeutas de acordo com os objetivos do grupo e demandas trazidas pelos/as participantes.

Quando vou pro espaço de convivência encontro usuários/as jogando dominó, conversando, outros/as em uma sala de convivência assistindo televisão, nesse meio tempo vejo uma moça chamada usuária 1, chorando, estava em “surto”, dizia para a TO que tinha apanhado do marido, estava muito elétrica, contava histórias confusas, se perdia no pensamento, a TO o escutou e depois de acalmá-la, conversou com a psicóloga que estava no plantão, que posteriormente prestou atendimento. Já estava no horário e tínhamos que começar o grupo.

O grupo de família contatava comigo, com a TO, o acompanhante terapêutico-AT 1 e uma estagiária de TO e de usuárias tinham três mães e uma esposa, das pessoas assistidas na SENAT.

A TO iniciou perguntando como estavam às pessoas presentes, como foi o feriado, me apresentou, contextualizou sobre as atividades que já tinham sido desenvolvidas (efeito das drogas no corpo, projeto terapêutico singular). Duas mães que tem seus filhos em comunidade terapêutica reclamaram do tratamento que teve por parte do guarda municipal, no dia de domingo. A SENAT disponibiliza transporte para que os familiares visitem as pessoas em tratamento, as mães relataram que um dia de chuva forte, ficaram no portão, molhadas, gritando e chamando o guarda para que pudessem ficar na varanda com cobertura do serviço e foram ignoradas. Na discussão dissemos da comunicação que a coordenação da SENAT poderia estabelecer com a Guarda Municipal para que fosse pensado um atendimento humanizado e para que essa situação não viesse ocorrer novamente. Uma das mães tinha levado o neto para ver o pai, ela disse que o neto tinha percebido a diferença do pai, que ele estava melhor, mães relataram estarem contente com o tratamento,

segundo elas: “lá eles são disciplinados, acordam 7:00, fazem oração”.

Outra mãe, bem abatida e triste diz que seu filho está em situação de rua, fica na região do mercado municipal, sendo pedinte e o dinheiro que consegue gasta com bebidas alcoólicas, ele não quer atendimento, não adere aos grupos, porque associa o serviço à internação, em meio às falas, tanto o acompanhante terapêutico 1 quanto a terapeuta ocupacional escutavam dona M., pensando com ela o fortalecimento dele, para que ele pudesse aderir o serviço. Chegaram a perguntar o que ele gosta de fazer, se ele se interessaria por algum dos grupos existentes no serviço, ela disse que ele é conhecido no morro como N. do rap, ela era a mãe mais reservada do grupo, nos momentos em que falava do filho, ela chorava, parecia estar fragilizada.

Uma das presentes, era esposa de um usuário do serviço, dizia estar contente com o tratamento, ele não estava mais bebendo e estava trabalhando no sacolão, seu dinheiro estava rendendo, pois antigamente, além de fazer o uso abusivo do álcool, ele pagava para todas as pessoas do bar, tinha a dúvida se a SENAT trabalhava tabagismo, já foi orientada que não e que ela poderia procurar a Unidade Básica de Saúde que realizava este trabalho.

Então a TO trouxe um estudo de caso fictício impresso para o grupo, onde as familiares leram juntas e pensaram caminhos possíveis para aquela situação. Segue o caso:

“Marcos, um homem de 35 anos, que passa por crises depressivas e problemas relacionados ao uso de álcool, desde sua juventude e vem se agravando nos últimos tempos. Marcos estudou até o 1º ano do ensino médio, gosta de jogar futebol e ouvir música, principalmente pagode. Gostaria de troca algum instrumento, mas nunca tentou, trabalhava como ajudante de padreiro, até ficar desempregado, o que motivou ir morar na casa dos pais (que são idosos), tem 02 irmãos (uma irmã de 31 anos, casada que mora em outra cidade e um irmão de 44 anos casado, morando no mesmo bairro).Nos últimos tempos , a família tem sobrevivido com o benefício da aposentadoria do pai.Marcos gostava do seu trabalho, mas segundo ele, o patrão “implicou com ele, por conta dele tomar sua cervejinha, mesmo sendo bom de serviço” e o demitiu.

Marcos passou parte da vida internado. Já foi internado 11 vezes em hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas variadas. A maioria das vezes por conta da atuação da família (especialmente seu irmão) e por três vezes contra sua vontade.

Duas internações involuntárias (a pedido da família) e outra compulsória (consequência de ter agredido seu pai, quebrando-lhe o braço).

“Nos últimos tempos, a mãe acredita que ele também está “usando drogas”, porque “está bem esquisito”, diferente de uns tempos pra cá” (diz a mãe). Marcos demonstra muita irritação e não raro chega em casa bêbado e agredindo os pais verbalmente (“por enquanto” diz o irmão), também fica dias sem aparecer em casa, quando volta, veste roupas que não são suas, sujo, cansado e faminto, dorme dias seguidos, parou de jogar futebol com os amigos. Marcos tem tido vários problemas de saúde, foi internado em hospital geral duas vezes no último ano: a primeira por conta de sua pressão arterial estar muito alta e a segunda por problemas de estômago. Mesmo apresentando tantas dificuldades, Marcos não pensa precisar de tratamento e não quer falar sobre isso.

Ele quer trabalhar (mas não procura emprego). Os pais, idosos, estão preocupados com o destino do filho, quando “não estiverem mais por aqui”. Ouviram falar que o hospital psiquiátrico vai fechar, buscaram ajuda pra conseguir uma internação permanente pra Marcos, mas descobriam que a proposta agora é tratar sem internar. Todavia eles pensam que o caso de Marcos é “grave” e “precisa de internação”, por isso, a família procurou o juiz da vara de proteção ao idoso e pediu internação compulsória de Marcos. Ao contrário do que esperavam, o juiz (novo na cidade) determinou que Marcos deveria se tratar no CAPS.”

Após a leitura do caso, todas se identificaram em algum aspecto com a narrativa de Marcos, perguntaram o que fariam diante daquela situação, uma falou que o levaria para o CAPSad, baseada na experiência do seu marido, outra mãe apontou que nem todo mundo precisa de internação, sendo contrária a decisão da família de Marcos de internação, disse “às vezes uma palavra, um carinho, ajuda muito as pessoas”, também falaram que um corte de cabelo, uma roupa nova, poderia ajudar na sua autoestima.

Foi discutido conjuntamente, o que ele precisa resgatar, o/a facilitador/a falou de acompanhamento, cuidado, discutiram o caso, pensando as potencialidades, do que Marcos gostava, como o futebol, música, pagode, uma mãe disse que ele poderia gostar de dançar.

AT-1 contextualizou o CAPS, o papel da equipe e dos/das envolvidos/as do reconhecimento do sujeito, que o problema das drogas é também de saúde e acaba

interferindo em outros setores da vida. Uma das mães fala que deveria ter uma equipe auxiliando as pessoas em situação de rua, comentei sobre o Consultório de Rua, que deveria ser uma ação maior, outra mãe pensou sobre o porquê de igrejas cristãs estarem conseguindo auxiliar muitas pessoas com problemas em relação ao álcool e outras drogas, disse sobre pessoas que conseguem melhoras através de outras religiões e também pessoas que não tem religião, o comércio da igreja, que elas pagavam para ter espaço na TV e por isso que ela via representações de experiências exitosas na igreja cristã protestante e não de outras formas.

Ainda, sobre o caso de Marcos, TO, lembra que problema do estomago pode ser tratada na UBS, que ele pode recuperar a autoestima através do trabalho, fazer cursos profissionalizantes, podendo ser até um padeiro. O AT-1 disse também do respeito ao tempo de Marcos, que precisa de vínculo e tempo.

A TO perguntou para os familiares, dos grupos existentes na SENAT, qual atividade Marcos poderia participar? Lembrou que elas já tinham discutido em outro encontro os grupos da SENAT, as mães deram como sugestão: o grupo de música, de futebol, ginástica. Perguntamos para a mãe mais quieta, qual o filho dela participaria, ela disse que ele não quer nada, que só quer saber de pinga.

Finalizaram falando do trabalho que pode ser feito através da rede de serviços municipal de Santos, de cursos profissionalizantes, do EJA para conclusão do ensino médio, falaram também que a cura ta na procura. Os/As presentes no grupo demonstraram gostar da atividade.

Paralelo aos grupos acontecem as triagens e plantão de atendimento que tem seus horários fixos na parte da manhã das 8:00 às 11:30 e das 14:00 às 17:30, de segunda à sexta-feira, modificando a equipe de atendimento, conforme dia e horário.

Nos espaços de convivência, me chamou a atenção, o diálogo e o laço que estava constituído entre eles/as, a usuária que estava em surto quando tinha chegado ao serviço, estava conversando com outra usuária que estava dando toques sobre a droga, falando pra ela procurar tratamento, que ela deveria se cuidar, em uma linguagem que era especifica delas, usuária 1 convida esta usuária 2 pra ir na padaria, se ela quer alguma coisa, também tinha uma usuária travesti que era tratada no feminino, tanto pela equipe(TO e AT) quanto pelos/as próprios/as usuários/as. Outro diálogo entre as usuárias, “Ai M. estou com o pé inchado, bebi 3 “barrigudinhas”, sei de um lugar que vende por 2,50” da risada, a outra usuária diz

“Eu bebi só uma”.

Conversando com uma usuária ela dizia estar virada, que tinha cheirado 12 pinos de cocaína, falei que era muito, ela disse que antes chegava a cheirar 40 pinos de cocaína, conversamos um pouco, ela disse que o tratamento na SENAT ajudou bastante, que agora esta com os filhos, em outro período quase perdeu a guarda se manter com as crianças foi um ponto alto para ela, que escolhe usar drogas no momento que as crianças estão dormindo e que diminuiu bastante o uso.

O grupo de música acontece nas terças-feiras às 10:30, sempre foi facilitado pela psicóloga 3, mas ela estava afastada do serviço por questões de saúde. Atualmente é facilitado pela a TO e o AT-1, também participaram duas estagiárias de terapia ocupacional, tinha cerca de vinte usuários nos espaços de convivência.

Todos/as foram convidados a fazerem um círculo com as cadeiras, alguns já tinha pegado instrumentos (violão, pandeiro, cajon,etc) e teve um espaço aberto para poderem tocar músicas, uma moça cantou e fez rimas, dançaram, batucaram, cantaram diversas músicas, do samba, funk, gospel, infantis, rock.

Tinha pessoas que tocavam violão, dançavam, se colocaram, outras estavam tímidas e só acompanharam A TO trouxe o rádio e uma caixa com vários álbuns de música, onde os usuários escolhiam as músicas (Ana Carolina, Fagner, É o Tchan, Calcinha Preta), deram risada, dançaram forró, tive a impressão que eles/elas gostaram. Acabando o grupo, eles/elas recolheram as cadeiras, alguns ficaram para almoçar na SENAT, não tinha quantidade comida para todos/as, a equipe lembrou que um Centro Espírita também estava distribuindo alimento, caso não conseguissem almoçar na SENAT.

No período da tarde, teve o grupo de cinema as 14:30, acontece sempre nas terças-feiras neste horário e quem facilita é a acompanhante terapêutica 2, as pessoas que participam do grupo decidem qual filme será exibido e neste dia foi voltado pra assistirem “O Homem de Ferro 2”, AT disse que eles/as sempre escolhem filmes de ação, dei como sugestão filmes nacionais como o “Querô” e “Anjos do Sol” que abordam temas que pode ser discutido no grupo, a sala que estavam assistindo o filme era pequena e pelo número de pessoas, ficou apertado, cerca de vinte pessoas, estava muito calor, com só um ventilador ligado, outros dois quebrados, após o término não teve discussão, alguns ficaram no espaço de convivência, outros foram embora.

DIÁRIO DE CAMPO II	
Local: SENAT	Data: 16.09.2015 (quarta-feira)
Pesquisador: Thiago Mendonça de Oliveira	
Orientadora: Luciana Maria Cavalcante Melo	
<p>No período da manhã não estive no serviço, teve o grupo dos Alcoólicos Anônimos- AA às 10:00 que foi facilitado por pessoas do próprio AA.</p> <p>Chegando à SENAT, fui até a sala da equipe, lá estava duas estagiárias de terapia ocupacional, estudantes da UNIFESP/BS, a técnica de enfermagem 2, que estava de saída e a acompanhante terapêutica 2. Fiquei conversando com as estagiárias sobre expectativas futuras, elas também estão no fim da formação e querem atuar no lugar de profissional.</p> <p>Passando pelos espaços externos de convivência tinha usuários/as esperando pelos atendimentos, outros/as assistindo TV ou conversando.</p> <p>Voltando a sala da equipe, estava à terapeuta ocupacional, ela falou sobre o grupo de Jornal de hoje, as atividades que eles/as já estavam desenvolvendo. O grupo já lançou a 5ª edição e estão preparando o material de mais uma edição, ela me deu o último exemplar impresso que abordava a luta Antimanicomial e as atividades que eles/elas fizeram na UNIFESP, Arte no Dique, Praça Mauá, etc.</p> <p>A T.O disse que o próximo jornal abordaria as pessoas em situação de rua e que tinham como proposta no grupo desta data irem nas “malocas” espaços onde as pessoas em situação de rua ficam, para através da fotografia capturar como se organizam materialmente, como se dá o uso de colchões, panelas, itens que utilizam, mas por conta do sol de 40 graus, ia consultá-los/as sobre a vontade e disponibilidade de irmos.</p> <p>Expôs um documento que continha relato dos/das usuários/as sobre estarem na rua, às dificuldades que encontram no albergue, dos preconceitos que passam e narrativas. Ela disse que já tinham discutido bastante e que a proposta era ser mais dinâmico.</p> <p>14:30 iniciamos o grupo de jornal, que contava com as duas estagiárias da TO, a terapeuta ocupacional e a enfermeira, que só chegou um pouco depois do início porque estava na enfermaria atendendo outras pessoas, o grupo tinha cerca de quinze usuários/as.</p> <p>TO pediu para que todos se apresentassem, falou da gente ir na “maloca”,</p>	

mas os usuários inicialmente se recusaram, pelo calor que estava fazendo, ela tinha trazido também os impressos do jornal da 5ª edição que ainda não estavam organizados sequencialmente por páginas e nem estava grampeado.

Então propus da gente se organizar, cadê um ficou responsável por uma tarefa: alguns ficaram com um bloco de página, outros grampearem, conferirem e fomos fazendo este trabalho conjunto, meio a isso, conversávamos, sobre diversos assuntos, um dos usuários lembrou que trabalhou em uma firma de aço, também estávamos falando de ir às malocas, alguns que faziam parte do grupo, estava em situação de rua ou institucionalizado nos albergues, conheciam os vários pontos das pessoas que vivem em situação de rua, falaram dos horários mais fáceis para encontrar essas pessoas, deram sugestões da onde poderíamos ir.

Um dos usuários estava bêbado e cantava música do “Rappa”, falou que ia ter show dele aqui em Santos e que ele olharia muito carro pra conseguir comprar o ingresso, brinquei com ele, falando que ele era cantor. Este mesmo usuário tinha relatado que no fim de semana estava andando bêbado, cantando e tocando seu pandeiro na rua, na divisa entre Santos e São Vicente e que tinha uma viatura da polícia passando neste momento. Falou que foi abordado de forma truculenta e que o policial quebrou seu pandeiro. Dizia de uma forma natural, como se já tivesse passado por muitas situações parecidas.

Depois de algumas discussões, resolvemos irmos a uma maloca próxima da SENAT, fazer as fotografias e convidar as pessoas em situação de rua para irem até o serviço.

Saímos da SENAT, no caminho fomos conversando, tinha um usuário que falou um pouco comigo, sobre sua vida, mas de forma bem descontraída, não era nada formal, ele tinha 22 anos e tinha me dito que foi pai aos 14 anos, ficava no albergue no centro de Santos e que estava iniciando o tratamento na SENAT esta semana, já tinha passado pela Fundação Casa, nesse processo foi criado um vínculo.

Andando pela rua, as pessoas olhavam bastante, olhares curiosos, até quando chegamos a uma rua que tinha um senhor dormindo em um colchão embaixo daquele sol fortíssimo, perto dele tinha uma panela no chão, alguns dos usuários já conversaram com o senhor que parecia não querer interagir muito, tinha acabado de acordar, pedimos autorização pra tirar fotos dos materiais dele, ele tinha permitido,

encontramos, gilete e outros materiais no meio das plantas trepadeiras, caixa de papelão. Convidamos para participar do grupo na SENAT, ele disse saber onde ficava o serviço, mas preferiu permanecer onde estava.

Ao caminho de volta para SENAT, passamos por um mercado, os usuários estavam falando de lanche, foi quando a enfermeira entrou no mercado com mais dois usuários do serviço e compraram bolo, atum, maionese, refrigerante, com seu próprio dinheiro, todos ficaram contentes.

Retornando a SENAT, encontramos a usuária 3 em situação de rua que é atendida no serviço, ela nos acompanhou, já foram montando as mesas e cadeiras, fomos pra copa preparar os lanches, fizemos suco, patê de atum, todos se sentaram à mesa, estagiárias, to, enfermeira, e depois farmacêutica. Foi criado espaço de papos descontraídos, comemos, bebemos, era uma relação bem horizontal, “não tinha protocolo”, tiramos foto da mesa, um dos usuários contou bastante sobre sua vida, o que tinha aprendido quando ficou internado, cozinhar para 30 pessoas, se organizar, ele disse que chegou a ficar um ano e três meses sem usar nenhum tipo de droga, mas depois teve recaída, foi quando as pessoas que trabalhavam na comunidade terapêutica convidaram ele de novo. Ele tinha explanado que não gostaria de voltar, que ele sabia exatamente o que faria na comunidade, que agora o desafio dele era “viver aqui fora” que teria que ter uma responsabilidade e que estar na SENAT realizando as atividades o faz ficar bem.

A TO trouxe o jogo do palito, algumas pessoas jogaram, ela também colocou música, lembrando a Oficina Bora se Mexer que acontece nas quintas pela manhã, a usuária 3 falou que iria, que ela já tinha feito jazz, teatro, pedi pra que ela propusesse uma atividade para o grupo, ela se movimentou e disse que retornaria na quinta-feira.

Em um papo informal com uma profissional, conversamos um pouco sobre a dinâmica dos serviços, uma questão que dificulta para ela são os recursos humanos e materiais, disse que a prefeitura ainda não repôs a vaga da antiga assistente social que saiu e o psicólogo que tinha assumido a vaga em um concurso público de outro município. Relatou das duas psicólogas que estavam afastadas por motivos da ausência de saúde.

DIÁRIO DE CAMPO III	
Local: SENAT	Data: 17.09.2015 (quinta-feira)
Pesquisador: Thiago Mendonça de Oliveira Orientador: Luciana Maria Cavalcante Melo	
<p>No mapeamento das atividades o período da manhã teria o grupo “Bora se mexer” e o grupo de “Leitura”, na parte da tarde os/as usuários/as iriam à praia jogar futebol junto do acompanhante terapêutico 1. Paralelo aos grupos acontece sempre os plantões de atendimento e a triagem.</p> <p>Na sala da equipe sobre a mesa, tinha o documento com o título: “Parada Técnica” que foi pauta da reunião da equipe do dia 25 de agosto de 2015, que contem alguns parâmetros de trabalho na SENAT:</p> <p>“Cada CAPS deve ter um projeto terapêutico do serviço, que leve em consideração as diferentes as diferentes contribuições técnicas dos profissionais dos CAPS, as iniciativas de familiares e usuários e o território onde se situa, com sua identidade sua cultura local e regional.</p> <p>As equipes técnicas devem organizar-se para acolher os usuários, desenvolver os projetos terapêuticos, trabalhar nas atividades de reabilitação psicossocial, compartilhar do espaço de convivência do serviço e poder equacionar problemas inesperados e outras questões que porventura demandem providências imediatas durante todo o período de funcionamento da unidade. O papel da equipe técnica é fundamental para a organização, desenvolvimento e manutenção do ambiente terapêutico.</p> <p>Quando a pessoas chega deverá ser acolhida e escutada em ser sofrimento. Esse acolhimento poderá ser de diversas formas, de acordo com a organização do serviço. O objetivo nesse primeiro contato é compreender a situação, de forma mais abrangente possível, da pessoa que procura o serviço e iniciar um vínculo terapêutico e de confiança com os profissionais que lá trabalham. Estabelecer um diagnóstico é importante,mas não deverá ser o único nem o principal objetivo desse momento de encontro do usuário com o serviço.</p> <p>A duração da permanência dos usuários no atendimento dos CAPS depende de muitas variáveis, desde o comprometimento psíquico do usuário até o projeto terapêutico traçado, e a rede de apoio familiar e social que se pode estabelecer. Todo o trabalho desenvolvido no CAPS deverá ser realizado em um “meio terapêutico” isto</p>	

é, tanto as sessões individuais ou grupais como a convivência no serviço têm finalidade terapêutica. Isso é obtido através da construção permanente de um ambiente facilitador, estruturado e acolhedor, abrangendo várias modalidades de tratamento.

Ao iniciar o acompanhamento no CAPS se traça um projeto terapêutico com o usuário e, em geral, o profissional que o acolheu no serviço passará a ser uma referência para ele. Esse profissional poderá seguir sendo o que chamamos de Terapeuta de Referência (TR), mas não necessariamente, pois é preciso levar em conta que o vínculo que o usuário estabelece com o terapeuta é fundamental em seu processo de tratamento. O Terapeuta de Referência (TR) terá sob sua responsabilidade monitorar junto o seu projeto terapêutico, (re) definido, por exemplo, as atividades e a frequência de participação no serviço. O TR também é responsável pelo contato com a família e pela avaliação periódica das metas traçadas no projeto terapêutico, dialogando com o usuário e com a equipe técnica dos CAPS.

O processo de construção dos serviços de atenção psicossocial também tem revelado outras realidades, isto é, as teorias e os modelos prontos de atendimento vão se tornando insuficientes frente às demandas das relações diárias com o sofrimento e a singularidade desse tipo de atenção. É preciso criar, observar, escutar, estar atento à complexidade da vida das pessoas, que é maior que a doença ou o transtorno. Para tanto, é necessário que, ao definir as atividades, como estratégias terapêuticas nos CAPS, se repensem os conceitos, as práticas e as relações que podem promover saúde entre pessoas: técnicos, usuários. Familiares e comunidade. Todos precisam estar envolvidos nessa estratégia, questionando e avaliando permanentemente os rumos da clínica e do serviço.

Trechos extraídos da publicação: Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial-Ministério da Saúde-2004.

Técnicos de plantão, triagem e convivência atuam conjuntamente para atender a demanda diária da unidade.

Plantão: técnico responsável pela organização do trabalho durante o período. O técnico de plantão juntamente com a equipe do período verifica as atividades, os técnicos presentes e prioriza os atendimentos. Auxilia a recepção em relação ao tipo de atendimento que deve ser prestado ao usuário que chega na unidade: triagem, retriagem, consulta agendada. Grupo ou atendimento da referência. Verifica quais as

atividades do dia e orienta o público, verifica quais os técnicos presentes para poder distribuir os atendimentos. Atua também auxiliando na convivência, organizando o público para atividade diária.

Triagem: técnico que realiza o acolhimento de quem chega pela primeira vez na unidade ou retorna após um longo período ausente. Este técnico já inicia a construção dos PTS e permanece como referência do caso. Quando não está em atendimento deve estar disponível para auxiliar o técnico de plantão e convivência.

Convivência: Técnico que acolhe e organiza as atividades no pátio e sala de TV. Os usuários devem procurar os técnicos para tirar dúvidas e pedir orientação sempre que precisarem, é uma atividade que acolhe o usuário enquanto o mesmo permanece no serviço. Visa, no intervalo de tempo: informar, orientar, discutir temas relativos ao serviço, à saúde, à cidadania entre outros e oferecer atividades que favorecem a convivência. “É aberta e sem tempo pré-estabelecido onde cada usuário permanece enquanto aguarda atendimento, podendo ou não retornar a atividade.”

Lendo este documento, da pra ter uma noção da dinâmica de trabalho da SENAT. Eram por volta das 9:00 e fui com a terapeuta ocupacional (facilitadora do grupo) na área externa em um espaço de convivência, tinha cerca de 11 usuários que topavam participar do grupo Bora se Mexer, outros estavam sentados próximo esperando outros atendimentos, tinha alguns familiares acompanhando para consulta. A usuária 3 que tinha ido na quarta e falado que voltaria na quinta, estava presente e animada para participar hoje, fizemos uma roda com as cadeiras, todos/as estavam sentados/as.

A TO começou guiando com exercícios de respiração, inspiração e expiração, tinha um som que estava tocando músicas relaxantes, com sons da natureza, cachoeira, etc, percebi que alguns tinham dificuldade na concentração, mas a TO estava apoiando e os guiando em suas dificuldades. Depois foi orientado a fazer exercícios de alongamento, teve uma sequencia, iniciando por movimentos com a cabeça, ombros, mãos, pernas, pé, todo o corpo, nos exercícios em que os homens tinham que fazer movimentos de inclinação, os usuários faziam piadas de cunho machista, difícil registrar tudo o que parece, mas da pra compreender e refletir sobre diálogos que eles/elas trazem. Muitos momentos lembraram-me das vivências do projeto Artes do Corpo, que trabalha com consciência corporal, pensava nos jogos cênicos do teatro que caberiam ali, que eles/elas gostariam e que também poderia

gerar uma discussão/reflexão, além de diversão. Ela finalizou atividade que todos/as demonstraram ter gostado.

No final conversando com os/as usuários/as tinha perguntado para usuária³ o que ela tinha achado, ela sentou do meu lado e disse que tinha gostado bastante da atividade e que pretendia participar assiduamente dos grupos na SENAT, ela esta em situação de rua, dizia que não queria ficar no abrigo, falou onde tinha dormido na noite anterior, do seu companheiro que só usa maconha e que esta incentivando ela parar o consumo com álcool excessivo, diz que ela se transforma em outra pessoa quando esta bêbada. Tinha me dito também que fez o exame de gravidez, sendo o resultado positivo, que passaria pela consulta com o psiquiatra, disse para estar sempre em diálogo com a equipe e que relatasse ao psiquiatra, quando a acompanhante terapêutica 2 tinha me chamado para o grupo de leitura.

Entramos em uma sala, a facilitadora seria a AT-2, contava com a presença de nove usuários/as, ela tinha trazido impressões do texto de Carlos Drummond de Andrade, chamado “Antigamente” que no corpo tinham palavras e expressões populares ou antigas que eram dificilmente utilizadas atualmente.

Os/AS usuários/as fizeram a leitura do texto, muitos/as não sabiam o significado de várias palavras/ditados, outros/as conheciam, para determinadas palavras foi usado um dicionário, teve alguns ditados que fizeram lembrarem situações da comunidade terapêutica, de lugares que já trabalharam, de pesca, suas próprias experiências, algumas pessoas saíram durante o grupo “vou fumar um cigarro”, teve momentos que dispersou do foco da atividade.

A usuária-4 disse que gostava de estudar, informei sobre o ENEM, a possibilidade de conseguir o certificado do ensino médio através de uma nota mínima na realização da prova, o processo para o ingresso nas universidades, através do PROUNI e SISU, da UNIFESP/BS, os cursos do campus, o cursinho popular Cardume, preparatório para o vestibular, sobre o Serviço Social, disse que ela poderia ser uma assistente social, ela gostou da ideia e me fez perguntas sobre o papel do/a AS na guarda das crianças, que ela não sentia confiança de conversar com a AS do CREAS, que muitas vezes era chamada pra ir no serviço, mas não ia pelo medo de perder a guarda das crianças, sente que será penalizada. Falaram sobre a importância da leitura, finalizamos o texto e atividade. No período da tarde, aconteceu o futebol na praia com o A.T-1, que não pude participar.

DIÁRIO DE CAMPO IV	
Local: SENAT	Data: 18.09.2015 (sexta-feira)
Pesquisador: Thiago Mendonça de Oliveira Orientadora: Luciana Maria Cavalcante Melo	
<p>Chegando ao serviço como de costume fui tomar café, entrando na copa tinha um senhor que não havia conhecido, nos apresentamos, ele era cozinheiro e tinha me dito que ficava na SENAT nos dias de sexta, porque a prefeitura não tinha contratado um profissional fixo naquele cargo. Conversamos um pouco, tinha me servido de café e logo saído, pois estava insuportável diante daquele calor ficar naquela sala minúscula.</p> <p>Na sala de convivência como de costume sempre usuários/as assistindo TV, ou esperando por atendimento, o primeiro grupo foi o de Redução de Danos que era facilitado pela psicóloga 2, mas conta do seu afastamento por questões de saúde no serviço, o acompanhante terapêutico 1 ficou responsável pelo grupo.</p> <p>Fomos para uma sala, tinha 23 usuários/as. Eu e AT-1 nos apresentamos, ele tinha contextualizado sobre a ausência da psicóloga 2, alguns usuários lembraram da psicóloga 3. Ele recapitulou que estavam lendo a entrevista realizada pela revista Época, concedida pelo psicanalista Eduardo Mendes Ribeiro, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (Appoa), mestre em Filosofia pela PUC/RS, doutor em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e consultor do Ministério da Saúde na Política de Humanização do SUS.</p> <p>Nos grupos anteriores eles/as já tinham lido outros trechos, partiu da onde tinham parado, os/as próprios/as usuários/as fizeram a leitura, com algumas dificuldades na dicção. Segue o trecho:</p> <p>Época: Hoje há uma droga legal, adquirida com receita médica, para cada sentimento humano de desconforto ou conflito. Em que medida o fato de nossa sociedade considerar qual sofrimento e um sintoma que precisa ser abafado e anestesiado com drogas influencia no uso das drogas ilegais?</p> <p>Ribeiro: É verdade que os sintomas podem produzir sofrimento, mas, ao contrário do que acontece com as dores orgânicas, em que na maioria das vezes não há razão para não tentarmos eliminá-las, as dores psíquicas cumprem uma função importante de sinalizar a existência de um conflito que está exigindo uma resposta. Eliminar esse sinal apenas nos condena à impotência frente à causa de nosso</p>	

sofrimento. E ao inevitável deslizamento, com a formação de outro sistema, com o agravante de termos ainda que suportar os efeitos colaterais da medicação. Um conflito psíquico pode produzir sintomas, inibições, angústias e outros desconfortos. Geralmente isso perturba nossa vida, fazendo com que sofram com coisas que, para os outros parecem banais. Esses conflitos podem ser tratados, mesmo que nunca completamente eliminados. Isso faz da vida de todos nós, mesmo fora de um tratamento psicológico: a gente tenta superar certas dificuldades, consegue alguns sucessos, volta a deparar com limites e carências, e a vida vai andando. Dá certo trabalho e não nos poupa de vários momentos de mal-estar, mas é a forma como assumimos a direção de nossas vidas- e pode também produzir muita satisfação. Algo ocorre quando se busca evitar esse trabalho psíquico e o mal-estar que o acompanha: sofremos menos em um primeiro momento, mas perdemos a possibilidade de superar aquilo que está nos aprisionando: contornamos nossos conflitos sem nunca conseguir fazê-los mudar de lugar.

Diante da leitura surgiram várias falas, muitos queriam se colocar, seria difícil para um facilitador sozinho mediar o grupo. Sugeri que falassem um/a por vez e que respeitassem as falas dos/as outros/as enquanto alguém estivesse com a palavra. Eles/as toparam a ideia e tiveram muitas falas, alguns/mas trouxeram estratégias:

“Eu to participando do AA., NA, estou mais com a minha família”;

“Eu tomo os remédios pela manhã e a tarde faço curso e trabalho, à noite chego cansada e acabo não usando drogas, mas às vezes tenho minhas recaídas”;

“Deveria ter um CAPS 24 horas”;

“Aqui você é tratado normal, no portão pra fora você é tratado como um lixo”

“Força de vontade”;

“Tenho 38 anos e minha família me prende muito, me sinto sufocado e acabo usando”;

“Para mim a comunidade terapêutica não funciona”;

“Fiquei um ano em tratamento na comunidade terapêutica, sem usar drogas, sem ter relação sexual com ninguém, no primeiro dia que sai, encontrei uma mulher usuária, fomos para o motel, ela estava com drogas, acabei ficando tentado e usei, na outra semana estava na rua em uma situação degradante”;

“Precisa de mais religiosidade”;

Foram várias falas e intervenções tanto minha, como o do AT-1, no sentido de

gerar reflexão.

Finalizamos a atividade e teve um usuário que continuo na sala, ainda abordando o que foi discutido no grupo e trazendo sua própria vivência de vida.

O grupo de Terapia Comunitária é realizado por pessoas de outro serviço e estava programado pra acontecer em seguida do grupo de Redução de Danos, mas houve alguma falha de comunicação e acabou não acontecendo neste dia.

Quando saí da sala, passando pelo espaço de convivência, os/as usuários/as que estavam no grupo de RD, fizeram uma roda e estavam tocando e cantando um samba, potencia de uma expressão artística criando-se sem um protocolo.

No período da tarde teve a Oficina de Auto-Cuidado, como facilitadora a farmacêutica e a enfermeira 1, pelo calor pensamos um espaço para fazer a oficina, não encontramos e ficamos na sala de grupos, que por mais que tivesse três ventiladores ligados, ainda estava muito calor e desconfortável.

Apresentamos-nos, enfermeira 1, lembrou o que o tinham discutido na última oficina, pontuando que naquela data seria discutido a tecnologia na educação. Ela trouxe um tablet com fotografias como disparadora da discussão:

-Crianças usando tablet, homem com um braço de implante, vários jovens no mesmo espaço usando o celular ao mesmo tempo, uma charge de um homem em 1990 com uma TV antiga, este mesmo homem gordo em 2011 e ao lado uma TV de led.

A enfermeira perguntou a opinião dos/as usuários/as sobre as imagens, tiveram várias discussões.

Trazendo pontos positivos e negativos do uso da tecnologia, trouxeram reflexões.

Finalizou dando dicas de filmes como: Laranja Mecânica e 2001 Uma Odisseia no Espaço, sugerindo que eles/as pedissem pra verem no Grupo de Cinema.

Também pensaram temas para o próximo encontro:

-álcool e drogas, autocuidado;

Sugeri que trabalhassem projeto de vida e que criassem um registro, diários na SENAT, para que eles/as pudessem ler futuramente.

DIÁRIO DE CAMPO V	
Local: SENAT	Data: 21.09.2015 (segunda-feira)
Pesquisador: Thiago Mendonça de Oliveira	
Orientadora: Luciana Maria Cavalcante Melo	
<p>Hoje último dia da observação participante, tinha alguns grupos previstos, cansaço e um receio de pensar e analisar minhas observações no campo, receio de deixar de notar algo, tanto a se problematizar.</p> <p>Cheguei à SENAT e já encontrei os/as usuários/as na sala onde aconteceria a atividade, o primeiro Grupo foi de Acolhimento e foi facilitado pela psicóloga 1 e a acompanhante terapêutica 2.</p> <p>Psicóloga 1, inicia perguntando como tinha sido o fim de semana, foi um tom mais informal, AT 2 fez o repasse do passeio no dia 24/09 até o parque Jardim Botânico na cidade de Santos.</p> <p>As facilitadoras escutaram os/as usuários/as do grupo, eles/as foram guiando um pouco a atividade, notei alguns relatos, um usuário que esta em situação de rua disse da sua experiência no mercado municipal de Santos, local marcado pela desigualdade, pessoas em situação de rua, tráfico de drogas. Este usuário disse que aos domingos participava da “feira do rolo”.</p> <p>-Trouxeram a violência que sofrem da guarda municipal de Santos, “deveria ter uma assistente social auxiliando a guarda municipal”;</p> <p>-Os efeitos do álcool e outras drogas no corpo, a fissura, paranoia de quando estão sob efeito do uso;</p> <p>-“Não posso beber (bebida alcoólica), se beber, vai ser a partida pra começar com outras drogas”;</p> <p>“Não converso sobre drogas com a família, cerceamento da minha liberdade, mesmo estando vulnerabilizado ,ainda querem me controlar”.</p> <p>Percebo diferenças de se pensar metodologias de trabalho com as pessoas em situação de rua e as pessoas que tem moradia.</p> <p>Foi perguntado das estratégias para evitar o abuso de álcool e outras drogas:</p> <p>-“Ficar em casa”;</p> <p>-“Não posso ter bebida em casa”;</p> <p>-“Um abraço faz bem”;</p> <p>-“Fumar maconha, gosto de música, um barzinho com boa música”;</p>	

-“Fazer faxina, ver a casa limpa”;

-“Ir para igreja”;

-“Estar com a família, assistir futebol, filme”;

-“Olhar para o meu passado, lembrar do que passei, eu todo sujo na rua, minha mãe sofrendo e chorando”

Outro usuário diz que embora as pessoas sejam diferentes, as histórias de abuso do álcool e outras drogas são parecidas, psicóloga 1, finaliza oficina dizendo da importância de fortalecer e criar novas estratégias para evitar o abuso.

Voltamos para a sala da equipe, fui apresentado a psiquiatra 1, ela seria responsável do grupo de Orientação destinado a pessoas que vão a primeira vez na SENAT, conversamos um pouco, ela era bastante gentil, entrava na sala da equipe, diferente dos outros dois psiquiatras que só davam a consulta e não tinha envolvimento com as pessoas da equipe.

Fomos até a sala de grupo, estava presente acompanhante terapêutica 2 e duas pessoas, uma delas tinha passado pela triagem, naquele mesmo dia, ficaria no grupo e depois iria na farmácia pegar alguns medicamentos que lhe foi receitado, o outro usuário já estava frequentando as atividades da SENAT, mas não tinha ido naquele grupo. Psiquiatra 1 se apresentou e nos apresentou, falou sobre os CAPS e suas diferenças. Abordou a singularidade de cada sujeito, dos tratamentos diferentes, as atividades que acontece na SENAT, o funcionamento, os/as técnicos/as de referência de casa usuário/a, a importância de não desistir ou sentir vergonha de voltar caso tenha uma recaída, teve caráter mais informativo, o/a usuário/a tiraram algumas dúvidas e finalizamos o grupo. Chamou atenção uma psiquiatra, uma médica ser mais “humanizada”.

Depois de ter almoçado na UNIFESP/BS, voltei à tarde para SENAT e estava previsto o grupo “Fazendo Arte” seria facilitado pela terapeuta ocupacional, mas por conta da sua falta lei, foi coordenado pela enfermeira 1.

Os/As usuários/as montaram as mesas e cadeiras no espaço externo, enfermeira 1 trouxe materiais como tinta, pincel, tesoura, Tangram um quebra cabeça chinês, com vários formatos. Os/As usuários tinham pegado também o som, colocaram na rádio e enquanto escutavam música, também pintavam as figuras, percebi que uma usuária encenava as músicas que gostava, tudo estava ocorrendo bem, tinha um usuário que parecia estar um pouco alterado e outro que

monopolizava a fala, um deles abaixou o som o que foi motivo de discussão e quase agressão mútua entre os dois. Foi um clima muito pesado, a enfermeira 1 separou os dois, um teve que sair da SENAT, aconteceram ameaças “te pego na rua” estava todos assustados me senti impotente, um dos usuários estava vindo pela primeira vez, ele vive institucionalizado no SEACHOLHE e dizia que não podia ficar nervoso, que tinha pressão alta e estava chorando, tivemos que cancelar a oficina e conversamos um pouco entre nós e avaliamos conversar com quem estava no espaço sobre o que acharam do que tinha acontecido.

Fizemos uma roda, discutimos o porquê daquela violência, porque estava recorrente no serviço, abordamos a cultura da violência, o que poderia ser feito para evitar ou diminuir, depois de um tempo, a coordenadora chegou ao serviço, sentou na roda e participou.

Depois de finalizado, dialoguei com a coordenadora, sobre o ocorrido, ela disse que isso sempre pode acontecer e da ausência do envolvimento dos/as outros/as profissionais, combinei de futuramente marcar a devolutiva do meu projeto para equipe e que os/as convidaria para apresentação na universidade.

ANEXO III - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA
Pesquisador: Thiago Mendonça de Oliveira Orientadora: Luciana Maria Cavalcante Melo
<u>Tema:</u> Serviço Social, Arte, Saúde Mental e Álcool e drogas.
<u>Título da pesquisa:</u> “Contribuições de intervenções artísticas no cotidiano do trabalho do(a) assistente social no CAPS-AD de Santos”.
<u>Identificação pessoal:</u> <ul style="list-style-type: none">• Nome:• Idade:• Identidade de gênero:• Tempo de experiência profissional• Em qual instituição trabalha:• Instituição de formação acadêmica:• Pós-graduação:
<u>Aproximação com a arte:</u> <ul style="list-style-type: none">• Durante a graduação teve algum tipo de aproximação com as expressões artísticas?• Fez alguma capacitação na área?

- Se usa das expressões artísticas, o que te motivou a trabalhar com arte?
- Quais as metodologias de trabalho que você identifica que dialoga com as expressões artísticas e que são possíveis de ser utilizada nas intervenções profissionais do/a assistente social nos CAPS-AD?
- Das metodologias elencadas quais que você faz uso?
- De que forma as expressões da arte contribui no seu trabalho e como usa?
- Quais possibilidades e desafios/dificuldades do trabalho profissional utilizando essas metodologias?
- Em sua opinião é suficiente o contato na formação acadêmica com metodologias relacionadas com as expressões da arte?
- Qual é a importância do seu trabalho com a equipe multiprofissional em relação a metodologias ligadas a arte?
- Quais os impactos dessas estratégias metodológicas para os/as usuários/as do CAPD-AD? Você acha que faz alguma diferença? Por quê?